

O Processo Educativo da Costureira Industrial: Histórias  
de Vida

GERMANA MARIA FONTENELLE BEZERRA

---

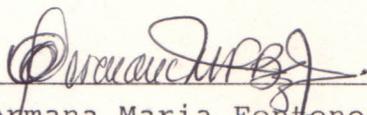
DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, COMO REQUISITO  
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA - CEARÁ

1990

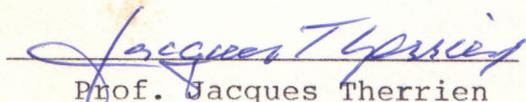
Esta Dissertação foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Educação, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se a disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta Dissertação é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

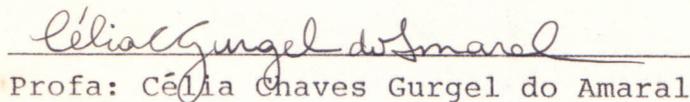


Germana Maria Fontenelle Bezerra

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 12 / 01 / 1990



Prof. Jacques Therrien  
(Orientador da Dissertação)



Profa: Célia Chaves Gurgel do Amaral



Profa: Emília Martins Veloso

Às mulheres, em particular às mulheres trabalhadoras.

Aos meus filhos Breno, Anapaula, Juliana e Raquel.



## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a válida ajuda das várias pessoas que para ele contribuíram de forma decisiva e de diferentes maneiras. Quero, portanto deixar aqui registrado meus agradecimentos de modo especial ao Professor Jacques Therrien que tão bem soube captar minhas idéias e, dessa forma, pôde dar uma orientação das mais significativas a este trabalho.

Ao Professor Ozir Tesser, pelas primeiras orientações que recebi e que serviram de base à estruturação desta dissertação.

À Professora Célia Chaves Gurgel do Amaral, que sempre prestativa e dedicada, contribuiu de forma decisiva nesta minha caminhada não só com determinação e incentivo permanente mas também, com críticas e sugestões relevantes.

À Professora Emília Martins Veloso, pelas sugestões que tanto contribuíram para o bom desenvolvimento deste estudo.

À Direção da Indústria de Confecção onde este estudo foi realizado, pela acolhida que me dispensou e pelas informações ali obtidas.

Às costureiras Maria, Francisca e Toinha, pela sua satisfação em contribuir para este estudo.

Ao Magnífico Reitor Professor Raimundo Hélio Leite, por seu apoio.

Às colegas do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará, que incentivaram a realização deste estudo, e em especial à Professora Stella Amaral, pela revisão vernacular do texto.

À CONPLAN, na pessoa de Raimundo Fernandes Filho, pela impressão gráfica deste trabalho.

## SUMÁRIO

	Página
<u>RESUMO</u> .....	vii
<u>ABSTRACT</u> .....	ix
I - <u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
1 - <u>O Âmbito do Problema</u> .....	1
2 - <u>Procedimentos Metodológicos</u> .....	10
II - <u>A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DE ROUPAS</u> .....	15
1 - <u>Considerações Gerais</u> .....	15
2 - <u>Caracterização da Indústria de Confecção em Estudo</u> .....	21
3 - <u>O Processo de Trabalho na Indústria de Confecção de Roupas</u> .....	25
4 - <u>O Processo Educativo da Costureira na Fábrica</u> .	31
III - <u>VIDA, EDUCAÇÃO E TRABALHO DA COSTUREIRA</u> .....	38
1 - <u>Situação Familiar</u> .....	40
2 - <u>Educação Formal</u> .....	42
3 - <u>Qualificação Profissional</u> .....	44
4 - <u>Prática Produtiva</u> .....	47
5 - <u>Participação Social</u> .....	55
IV - <u>CONCLUSÃO</u> .....	62
V - <u>BIBLIOGRAFIA</u> .....	70
ANEXOS	

## RESUMO

Este estudo trata da análise do processo educativo da Costureira Industrial partindo do pressuposto básico que referenda a educação como forma de aprendizagem ao saber à nível da consciência crítica de sujeito, como resultado de uma práxis. Esta educação é vista de forma ampla e total e acontecendo em diferentes momentos da vida do indivíduo seja através de processos formais, seja pelas experiências vivenciadas nas práticas produtivas, nas relações de produção e nas relações sociais.

Questiona-se de que forma a costureira consegue fazer de seu trabalho um princípio educativo que possa lhe servir como instrumento de aprendizagem para uma ação transformadora.

O referido estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa procedendo através do estudo de caso em uma Indústria de Confecção de Roupas de Fortaleza. Foram utilizados procedimentos de observações participativas e relatos de histórias de vida de três costureiras. A história de vida permite a observação do processo educativo por que passam as costureiras, desde a infância até hoje, sob vários aspectos e em diferentes momentos de sua vida.

Tentamos mostrar como ocorre o "processo educativo" no sistema de produção capitalista não se restringindo apenas ao momento onde as costureiras são treinadas, para executar operações específicas no processo parcelizado de produção de roupas.

A educação dada à classe trabalhadora no sistema de produção capitalista é apenas qualificação específica de uma operação, visando a sua capacidade produtiva. Ensina-se apenas o saber fazer, eliminando-se a relação Teoria/Prática, considerado um treinamento meramente manual, sem dúvida isto conduz a um saber fragmentado que tem como conse-

quência uma tendência à fragmentação da consciência política do trabalhador. Os treinamentos são reforçados pela ideologia dominante cujo objetivo é reproduzir e manter o sistema. Portanto a educação funciona neste caso como mecanismo de acumulação capitalista preparando mão-de-obra específica.

A pretensa "educação" propiciada então pelos donos dos meios de produção determina claramente o aspecto dominador e expropriador da classe trabalhadora no sistema de produção capitalista uma vez que o limita ao desempenho de uma única operação na fábrica.

Observa-se porém que o processo educativo não se acaba na pretensa formação profissional realizada na fábrica. Diante desta prática alienante e fragmentada a costureira tem possibilidade de elaborar um contra-saber de resistência ao sistema, através de sua consciência crítica das relações de produção que se estabelecem.

Constatamos através deste estudo que no processo educativo da costureira é muito importante a sistematização do saber de forma ampla e total, tanto na sua formação profissional como nos demais aspectos de sua educação incluindo sua formação política. A formação profissional, em todo processo de produção de roupas, possibilita que a mesma obtenha meios de resistência ao sistema de produção capitalista, de forma que ela detenha o conhecimento tanto teórico como prático para que possa desenvolver uma "práxis criativa" na concepção de seu trabalho, e que a mesma, aliada à sua formação política, permite uma reflexão de sua "práxis" na perspectiva de uma transformação da realidade. Portanto, propicia meios para que a costureira realize seu trabalho independentem do processo fabril, como autônoma.

## ABSTRACT

The study analyzes the educational process of the textile worker\*. This analysis is based upon the concept that education is a way of acquiring knowledge that leads to the subject's critical conscience as a result of a praxis. Education is considered to be a global process that occurs in different periods of an individual's life involving experiences in formal education, in productive activities as well as in social relations.

The study inquires how the worker is able to convert her job as an educational experience that might be used as tool for a transforming action.

The study is a qualitative research which utilized a case study in one garment industry in Fortaleza. Reports of participative observations and life reports of three textile workers were used. Life report allowed the researcher tracing the educational process of the textile workers from childhood up to the present time.

The study attempted to describe the educational process in a system of capitalistic production not only in the specific training period to perform activities in a fragmented process of garment production.

The education of the working class in a system of capitalistic production is only specific qualification for one given operation aiming at productive ability. The focus is on teaching what to do without establishing any relationship between theory and practice. The fragmented knowledge acquired by the textile worker leads to a fragmented political conscience. This kind of training is reinforced by the dominant ideology whose objective is to reproduce and to

---

\*By textile worker is meant a woman who makes clothing in the Garment industry.

keep the system. Therefore education in this case is an instrument of capitalistic accumulation which prepares specific hand labor.

The education offered, by the owners of the production means determines the domineering aspect of the worker class which is taught to perform one single operation in the industry.

It is observed, however that the educational process is not completed in the industrial training. Facing a fragmented and alienating professional practice, the worker has possibility to develop critical conscience of the productive relations that will lead to the acquisition of a new knowledge which will offer resistance to the system.

It may be inferred from the study that in the educational process it is very important the knowledge articulation in a global way considering specific training and political education. The textile worker's professional formation makes possible the development of resistance to the capitalistic production system in such a way that she acquires both theoretical as well practical knowledge that will lead to a "creative praxis" regarding her job. This fact will give the textile worker conditions to establish her own business.

## I - INTRODUÇÃO

### 1. O Âmbito do Problema

Este trabalho tem como objetivo estudar o processo educativo por que passam as costureiras industriais. Foram abordados os diversos aspectos de sua educação formal e de sua prática produtiva, tanto no âmbito da fábrica como no contexto de produção isolada, enquanto costureira autônoma.

Desenvolvemos um estudo sobre o processo educativo da costureira industrial que ocorre na sua "práxis" não só produtiva mas em todos os aspectos de seu cotidiano. Esta "práxis" está condicionada à própria rotina diária da vida da costureira. Seu trabalho não se restringe apenas à indústria, ele começa antes do expediente de trabalho, na medida em que ela tem que organizar suas atividades domésticas, e poderá terminar depois deste com sua participação em atividades políticas e sociais ou mesmo na retomada das atividades domésticas.

Entendemos educação como aprendizagem ao saber a nível da consciência crítica do sujeito, resultado de uma "práxis", seja através de processos educacionais sistematizados dentro do contexto político e social, seja através do trabalho produtivo e das relações sociais de produção.

Este estudo busca compreender como o trabalho da costureira constitui-se em princípio educativo. Questionamos, portanto, de que forma a costureira consegue fazer de seu trabalho produtivo um instrumento de aprendizagem com vistas a realização de uma nova "práxis" criativa, ou até mesmo revolucionária, de maneira a contribuir para a transformação de sua realidade.

Reconhecemos que a educação tem um papel importante na transformação do homem e das circunstâncias em que ele

vive, vez que é através dela que o homem deixa de ver as coisas apenas pelo lado empírico e conscientiza-se de seu papel como agente de transformação da sociedade.

Marx faz críticas aos que acreditam na transformação da sociedade pelo caminho meramente pedagógico, vez que isto é feito pelo caminho da "práxis" revolucionária.

A "práxis revolucionária" se dá, portanto, pela unidade entre a transformação do homem e a transformação social.

"(...) A coincidência da modificação das circunstâncias com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como práxis revolucionária". (MARX e ENGELS, 1987: 12).

A concepção burguesa revolucionária do século XVIII concebe uma visão fragmentada da educação, onde a sociedade se encontra dividida em duas partes: de um lado os educadores como elementos ativos do processo educativo e, do outro, os educandos, como simples receptores passivos anônimos no processo histórico. Esta é uma concepção contraditória à concepção de Marx sobre a educação. Para Marx é pela "práxis revolucionária" que educadores e educandos se tornam partes ativas do processo educativo, em que o educador educa e, ao mesmo tempo, é educado. Portanto muda as circunstâncias e muda a si mesmo, tendo sempre em vista a realidade concreta e o objetivo maior de transformação desta realidade.

A escola constitui-se um dos espaços que devem ser utilizados para que se desenvolva a "práxis" revolucionária, através do compromisso de educadores e educandos na transformação da realidade da própria escola, na sua democratização, vez que a sua clientela é parte integrante da sociedade que se quer transformar.

"(...) A escola parece ter duas funções contraditórias: conservar e minar as estruturas capitalistas. A educação torna-se instrumento de luta da classe oprimida e o lugar de uma contra-hegemonia". (GADOTTI, 1984: 75).

Consideramos a educação como um processo de contí-

nua aprendizagem que se desenvolve no decorrer da vida do indivíduo e que não se restringe apenas ao ensino sistematizado da escola. Ela acontece nas experiências vivenciadas na família, no trabalho, nas relações sociais, nas associações, dentre outros, e que irão possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento de suas habilidades e qualificação para o trabalho, bem como prepará-lo para a vida, para a superação das contradições sociais e para formação de uma visão de mundo.

Admitimos o processo educativo dentro de uma abrangência maior, como um processo dialético que está além do conhecimento teórico-prático de técnicas, como condição necessária, mesmo que não suficiente, para direcionar uma ação transformadora.

Portanto, "A educação é uma totalidade de contradições atuais ou superadas, aberta a todas as relações, dentro da ação recíproca que caracteriza tais relações em todas as esferas do real. A ação recíproca entre essas esferas do real se medeiam mutuamente através da relação de produção, relações sociais e relações político-ideológicas". (CURY, 1987: 67).

Há o entendimento para determinado grupo de educadores que a educação deve ser concebida dentro de uma proposta mais ampla onde educação é entendida enquanto formação de homens na luta pela construção de sua identidade de classe, pela construção do saber, da cultura, e não apenas uma luta por instrução e escolarização.

"(...) o direito à educação no sentido mais amplo de construção do saber, da cultura e da identidade de classe, continuam sendo sistematicamente negado, reprimidos e enquanto possível, desestruturados, por serem radicalmente antagônicos ao movimento do capital". (ARROYO, 1987: 78).

Educadores comprometidos com a classe trabalhadora acreditam que a luta do trabalhador pelo direito à educação ganha maior respaldo quando incorporada à luta maior pela construção de uma sociedade alternativa. A educação como tal ajuda a elaborar uma forma de pensar na articulação de um novo saber, podendo tornar-se um instrumento de apoio pa-

ra a transformação do homem e, conseqüentemente, da sociedade.

A educação poderá ainda assumir posições contraditórias, funcionando por um lado como instrumento para acumulação capitalista, na medida em que prepara mão-de-obra especializada para sua manutenção e reprodução e, por outro como instrumento de apoio, conscientizando e formando o homem para sua transformação e, conseqüentemente, a transformação da sociedade.

A educação assume uma postura favorável à acumulação capitalista a partir do momento em que qualifica o trabalhador para a reprodução das forças produtivas, transmitindo-lhe apenas o saber prático, o saber fazer, e excluindo-o da aprendizagem do saber teórico, onde possa articular a relação teoria/prática. Este saber técnico, da forma como ele é transmitido, impede a compreensão do processo de trabalho na sua totalidade, o porquê da realização de determinada operação, devido ser fragmentado, específico para cada parte do processo produtivo. Ao mesmo tempo que esse saber-fazer é passado ao trabalhador, é também transmitida a ideologia do capitalismo favorável ao seu desenvolvimento.

O objetivo principal do sistema de produção capitalista é conseguir maior produtividade e melhor qualidade. Todo o complexo organizacional e ideológico constitui-se em mecanismo de persuasão e de repressão. Portanto, utiliza-se a ideologia como forma de assegurar a reprodução das relações de produção capitalista.

A fragmentação do processo produtivo surge como forma de alienação, desqualificação e dependência do trabalhador ao capital, vez que seu conhecimento está limitado apenas a uma operação.

Se, durante um determinado período histórico, o operário executava todo o processo de produção, hoje ele executa apenas parte deste, perdendo a visão e o conhecimento do processo como um todo. Atualmente sua qualificação formal é dada de acordo com as necessidades e exigências do capital, e a inculcação ideológica da classe dominante é componente da sua formação.

A indústria de confecções, a exemplo das demais, utiliza a divisão do trabalho, através da parcelização das tarefas, no seu processo produtivo, onde o trabalho da costureira é fragmentado e ela executa apenas parte do processo produtivo, sem o domínio do processo como um todo.

"(...) Com a divisão social do trabalho nessa sociedade, surge também o homem dividido, alienado, unilateral. Com o aumento no tempo de trabalho necessário para a sua auto-reprodução e para a criação da mais-valia, o trabalhador não dispõe de tempo livre para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Nessas relações de trabalho inexistem condições para a educação e, portanto, para o pleno desenvolvimento humano, privilégio de uma minoria que se beneficia do trabalho da maioria". (GADOTTI, 1984: 58).

Nessa forma de produção, a costureira perde não só o controle do processo, mas a posse do saber como fora concebido antes do capitalismo. Este passa a ser fragmentado, de acordo com o que é determinado pela gerência da produção, através da divisão social do trabalho, segundo a própria concepção taylorista de separação dos trabalhadores que executam o trabalho manual daqueles que executam o trabalho intelectual.

Quando a costureira entra no sistema fabril ela não só perde sua autonomia, como também passa a vender sua força de trabalho. Perde o saber-fazer em sua totalidade, já que seu trabalho limita-se à execução de parte do processo, não participando, portanto, da fase de planejamento e elaboração.

"No modo capitalista de produção, estas formas de organização do trabalho dividido aparecem como função do capital e são determinadas pelas relações de produção; por sua vez, elas determinam requerimentos de qualificação e de conduta à partir dos quais se define o processo de educação da força de trabalho". (KUENZER, 1985: 13).

Porém, dentro deste mesmo processo, o trabalhador poderá articular outro tipo de saber contrário aos que lhe são repassados pelo capital: um saber dito de resistência ao processo vigente. Por uma questão de "sobrevivência" o tra-

balhador elabora um "contra-saber" que vai de encontro ao saber dominante, reproduzido pelo capital. Com este saber onde a capacidade crítica e criativa é desenvolvida dando espaço ao questionamento do processo de produção capitalista, e o trabalhador passa a se organizar, questionando a fragmentação do trabalho, o salário, as condições de trabalho, articulando novas formas de executá-lo de modo que ele possa satisfazê-lo e criando melhores condições para realizá-lo. Essa articulação do novo saber depende da forma como o trabalhador entende as relações de produção.

"(...) O saber aí gerado não é um saber burocrático, batizado pelos exames, mas testado diariamente pelas suas próprias condições de vida. Educar-se, para ele é assumir consciência dessas suas condições, aliando o trabalho, a sobrevivência e a resistência". (GADOTTI, 1984: 156). Portanto, negadas as condições de educação, se afirma a necessidade e a luta pela educação para melhor entender o processo de trabalho. Neste processo o trabalhador vai aos poucos formando sua consciência política, formando uma contra-ideologia, que poderá lhe possibilitar a superação das contradições decorrentes das relações de trabalho no processo de produção capitalista, objetivando sempre o real interesse de sua classe. Esta nova visão, e a concepção de um contra-saber aliado a uma contra-ideologia, vai depender da concepção que cada um tem do mundo e da sua capacidade de organização e participação no processo de trabalho e em todas as atividades de seu cotidiano, enfim da formação de uma consciência política.

O homem se cria no trabalho, na medida em que ele produz, cria e recria algo. Gerando saber ele gera a si mesmo; se educa e é educado pelo trabalho, embora, contraditoriamente, esse mesmo trabalho possa ser fonte de alienação, de exploração e miséria desse mesmo homem. No modo de produção capitalista existe uma predominância deste lado negativo do trabalho produtivo, vez que o trabalhador é expropriado do saber do processo produtivo na sua totalidade. Portanto a divisão social do trabalho contribui para a alienação do trabalhador.

"(...) Na expressão de Marx, o grande objetivo social da educação deve ser o de desenvolver a omnilateralidade do ser humano, reagindo à unilateralidade a que está sendo condenado pelas circunstâncias históricas. (...) somente poderá ser realizada através de uma vinculação orgânica entre educação e trabalho produtivo". (CALDART, 1988: 68).

O desenvolvimento da omnilateralidade do homem que trabalha e se educa estaria necessariamente integrado a um fazer histórico, onde esse mesmo homem se faz como ser de sua "práxis", criando e desenvolvendo potencialidades através de trabalho. O desenvolvimento dessas potencialidades é portanto, produto e produtor dos diversos componentes sociais, determinantes para a verdadeira educação do homem.

O processo de educação e de trabalho que se estabelece historicamente através da concepção burguesa é um processo de apreensão e de orientação sob a concepção da ideologia de uma classe dominante. Na sociedade moderna capitalista, as concepções de educação e trabalho são concebidas nas relações de trabalho, onde são interiorizadas e reproduzidas como relações naturais, traduzidas pela burguesia como desejáveis e consideradas senso comum entre dominantes e dominados.

"(...) O modo dominante de apreender e de orientar na prática a relação trabalho e educação, mesmo em quadros progressistas, passa pelas seguintes dimensões: a) uma dimensão moralizante, tão ao gosto da moral burguesa, onde o trabalho manual e intelectual aparecem como igualmente dignos, formadores do caráter e da cidadania; b) uma dimensão pedagógica, onde o trabalho aparece como uma espécie de laboratório de experimentação-aprender fazendo; c) e, finalmente, uma dimensão social e econômica, onde os filhos dos trabalhadores podem autofinanciar sua educação (escolas de produção)". (FRIGOTTO, 1987: 16).

Dessa forma alguns autores estão fazendo uma inversão metodológica na relação educação-trabalho, quando acreditam que as relações de trabalho e as relações sociais de produção são fontes primordiais de conhecimento e de for-

mação da consciência da classe trabalhadora. Na realidade esta prática não é apreendida como tal. A mesma inversão se evidencia na "ênfase que se tem dada à educação para o trabalho, para o mercado de trabalho, sem uma crítica radical à forma como assumem as relações de trabalho".(FRIGOTTO, 1987: 17).

Nesse sentido deve-se repensar a relação entre trabalho e educação, considerando o processo educativo não a partir da escola, mas a partir das determinações fundamentais que se estabelecem nas relações de trabalho e nas relações de produção, que originam a produção do conhecimento e formação da consciência política.

"Igualmente, esse caminho nos permite resgatar a visão de que o conhecimento, a superação do senso comum e a formação da consciência política crítica se dão na e pela práxis. Práxis que resulta da unidade dialética entre a teoria e a prática, pensar e agir. Esta unidade, por sua vez, não é algo mecânico, harmônico, mas traz a marca dos conflitos, avanços e recuos, do processo histórico". (FRIGOTTO, 1987: 19).

A luta da classe trabalhadora pelo acesso à escola, ao saber sistematizado e dominante, é secular, embora que esse saber que a classe operária busca não seja o mesmo saber historicamente acumulado sob a hegemonia da burguesia.

"O que se pode perceber historicamente é um duplo processo de "expropriação" - material e intelectual. O capital sempre tem lutado, tanto no sentido de obstaculizar quanto no de negar o conhecimento, o saber das classes subalternas. Igualmente, busca apropriar-se privadamente do conhecimento adquirido coletivamente no próprio processo de trabalho, devolvendo-o como conhecimento incorporado à máquina contra o próprio trabalhador". (FRIGOTTO, 1987: 20).

A divisão dicotômica do trabalho intelectual - manual, no conjunto das relações sociais, é utilizado pelo capital como forma concreta para que o trabalhador não tenha o conhecimento crítico do que se passa nas relações de produção.

Existe toda uma corrente de forças da burguesia

para dominar a classe trabalhadora no sentido de desarticu-  
lar o processo educativo que atenda ao real interesse dos  
trabalhadores o que se verifica nas mais variadas formas.

"Como a negação de uma base material para uma vida  
humana, o excesso de trabalho extenuante, as péssimas con-  
dições materiais de existência, a negação de tempos e espa-  
ços culturais e educativos, a separação entre trabalho ma-  
nual e trabalho intelectual, a negação do direito a pensar,  
a articular-se e expressar suas concepções sobre o real e  
sobre as formas de transformá-lo, a tutela do Estado, de  
seus gestores, intelectuais e educadores sempre dispensando  
o povo de pensar porque eles pensam, decidem e falam em no-  
me do povo tutelado e infantilizado, e, também e não menos  
importante, a negação da instrução do domínio dos instru-  
mentos básicos que a escola deveria garantir". (ARROYO,  
1987: 79).

A educação, como um processo de construção históri-  
ca na formação dos homens, é um processo que acontece em di-  
ferentes momentos e em diferentes espaços da vida do indi-  
víduo. Não se restringe ao espaço da escola, ela se faz nas  
relações de trabalho e na "práxis" social de cada um. Os  
trabalhadores se educam e se tornam sujeitos sociais consci-  
entes na formação de sua identidade de classe.

Dentro da concepção de educação aqui abordada e con-  
siderando os pressupostos teóricos expostos, referentes à  
relação existente entre educação e trabalho, verificamos o  
processo educativo das costureiras das indústrias de confec-  
ção de Fortaleza, tomando o processo histórico pelo qual  
passaram, de acordo com as experiências de vida e de traba-  
lho vivenciadas por cada uma delas e relatadas em suas "His-  
tórias de vida". Para melhor compreender o processo educa-  
tivo por que passam as costureiras, nas suas relações de  
produção e no seu cotidiano, foram consideradas as seguin-  
tes categorias:

- a práxis entendida como a atividade teórica/prática den-  
tro da realidade vivenciada de maneira crítica e criativa;
- a totalidade - utilizada para melhor compreender o pro-  
cesso histórico da educação e do trabalho da costureira, na

relação dialética com todos os aspectos de sua vida e não apenas limitada a sua formação técnica;

- a contradição - considerada como elemento inerente às relações de produção bem como ao processo educativo da costureira no sistema fabril de produção de roupas;

- a reprodução - considerada como ocorre e qual a interferência nas relações de produção, no processo educativo e nas relações sociais;

- a dominação - considerada como ocorre as relações entre a classe dominante e trabalhadora na sociedade capitalista. Este processo de dominação se caracteriza na fábrica através da dominação do saber, da divisão trabalho manual/trabalho intelectual; do disciplinamento e controle do processo produtivo, da exploração, submissão e alienação da classe trabalhadora;

- ideologia - observada como é transmitida e assimilada a ideologia dominante pelo capital e como esta interfere nas relações de produção, como é articulada uma contra-ideologia e como ela poderá interferir na concepção que cada uma tem do mundo e da sociedade.

## 2 - Procedimentos Metodológicos

A partir deste referencial teórico em função do âmbito do problema, sentimos a necessidade de elaborar o presente estudo considerando dois momentos fundamentais.

Num primeiro momento, para resgatarmos o processo educativo das costureiras, procuramos realizar um estudo do contexto em que elas estão inseridas - a realidade da indústria de confecção de roupas. Retrataremos um pouco da evolução histórica do processo de produção de roupas, desde a produção artesanal até o estágio de industrialização em que hoje se encontra. Dessa forma, foram levantadas algumas considerações gerais a respeito da indústria de confecção de roupas no Brasil e no Ceará, e tentamos caracterizar a indústria de confecção onde trabalham duas das cos-

tureiras sujeitos de nosso estudo. Caracterizamos a inserção delas no processo de produção de roupas, bem como sua posição no sistema de produção capitalista, considerando as condições das instalações físicas, aspectos do processo de trabalho, qualificação de mão-de-obra, salário, dentre outros aspectos. Após uma abordagem mais generalizada dos mencionados aspectos, detivemo-nos especificamente no processo de trabalho, detalhando cada fase do processo de produção de roupas na indústria e fazendo uma análise crítica da situação de trabalho da costureira dentro desse processo de produção. Passamos então a analisar o "processo educativo" por que passam as costureiras na fábrica, como e por que é realizada a qualificação delas para o trabalho na produção de roupas.

No segundo momento deste estudo, que chamamos de Vida, Educação e Trabalho da Costureira, realizamos uma análise crítica do processo educativo por que passam as costureiras através dos relatos de suas histórias de vida. Para isso foi tomado como pressuposto teórico a concepção de educação que considerada neste trabalho, a qual abrange todos os aspectos da vida do indivíduo, articulados de forma dialética e inseridos no processo histórico.

O estudo da "História de Vida" nos possibilita fazer uma leitura do processo educativo por que passam as costureiras industriais através do tempo e sob vários aspectos de sua vida.

"A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitiu a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (...), o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar idéia do que foi sua vida e do que ele mesmo é". (QUEIROZ, 1988: 20).

Através dessa técnica, pretendemos resgatar todo

processo educativo por que passa a costureira da indústria de confecções, e de outros contextos da produção de roupas, bem como a evolução e o significado real de sua formação como pessoa e como trabalhadora.

Consideramos coerente que, submetidas as relações de dominação-submissão, as costureiras estivessem em processo de formação de uma consciência política e envolvidas em um processo de emancipação sob o aspecto econômico.

"(...) a concepção dialética da educação, baseada na análise concreta das relações existentes no trabalho, sustenta que o processo de emancipação do homem é antes de mais nada econômico, histórico e não espiritual". (GADOTTI, 1984: 57).

Nas pesquisas realizadas, tanto em educação como em outras áreas das ciências humanas, é uma constante fazer-se referências ao passado, que dificilmente é questionado. Especificamente neste trabalho, considera-se imprescindível retomarmos essa perspectiva histórica.

"A perspectiva histórico-sociológica da análise de problemas e fatos sociais tem ganho ultimamente muitos adeptos, justamente pela riqueza de informações que traz aos estudiosos, não só sobre o passado propriamente dito, mas porque estas permitem que se situe os problemas atuais em perspectivas mais adequadas". (DEMARTINI, 1988: 45).

Reconhecendo que o processo educativo ocorre devido à própria evolução e desenvolvimento da pessoa numa dada realidade social, empregamos a história de vida na realização deste estudo, justamente porque ela vem contemplar esta retrospectiva histórica necessária ao enfoque deste trabalho.

Tomamos como sujeito deste estudo a costureira assalariada, ou que tenha passado pelo processo de assalariamento, na indústria de confecção de Fortaleza. Analisamos seu processo educativo como fato conseqüente das relações sociais de produção que se estabeleceram.

Concebe-se o processo educativo sob uma visão de totalidade, dentro de um contexto maior, em que a formação do indivíduo é influenciada por todas as experiências por

ele vivenciadas e apreendidas, bem como por suas relações com a sociedade.

Limitamos nosso estudo à história de vida de três costureiras, que escolhidas segundo os seguintes critérios: a) ser, ou que já tenha sido, assalariada de uma indústria de confecção de roupas situada na região metropolitana de Fortaleza; b) que pertença, ou tenha pertencido, ao processo fabril durante pelo menos 5 anos; c) que execute ou tenha executado parte do processo produtivo e d) que tenha interesse em participar do estudo.

Além das histórias de vida, relatadas na residência das costureiras, foram realizadas observações participativas com as costureiras, chefes de seção, supervisor de produção e gerente de produção, no local de trabalho.

Como primeira etapa do trabalho de campo, realizamos uma visita à indústria escolhida, com as seguintes finalidades: a) de conhecer o sistema de produção da fábrica a fim de verificar se este atendia aos objetivos do trabalho; b) estabelecer um melhor entrosamento com os diretores, chefes e gerentes de produção; c) explicar os objetivos do trabalho a essa direção.

Na visita seguinte identificamos as costureiras que seriam os sujeitos de nosso estudo, de acordo com os critérios já determinados. Ao serem abordadas sobre a possibilidade de colaborar com o estudo elas se mostraram interessadas. Na oportunidade foram marcadas as entrevistas a serem realizadas nas residências vez que não foi permitida coleta de informações no local de trabalho. Considera-se que a interrupção do trabalho acarretaria queda na produtividade da costureira, o que além de não ser permitido pela empresa, resultaria em prejuízo para elas já que ganham por produção.

Durante a segunda visita à indústria utilizamos um roteiro de observação para a coleta de dados sobre a jornada de trabalho das costureiras na fábrica. Registramos todos os movimentos que elas realizavam para cumprir sua atividade no processo produtivo, bem como seus comportamentos, disciplinamento, relacionamento com as companheiras de trabalho, com os chefes e auxiliares.

No primeiro contato em suas residências deixamos que elas falassem livremente. Nesse momento foi utilizado o gravador, com autorização da costureira, que não apenas concordou, mas também achou muito interessante ter sua voz gravada. O gravador utilizado foi um mini-gravador, com microfone embutido, ideal para este tipo de trabalho, pois não inibe o interlocutor, o que é indispensável para o estudo.

No segundo contato em suas residências, as costureiras foram entrevistadas em momentos diferentes, cada uma individualmente, sem interferência de terceiros. Explicamos-lhes que este é um estudo sobre educação e trabalho e pedimos que contassem suas "histórias de vida" e que dessem mais ênfase aos aspectos de sua educação e de seu trabalho.

Obtidos os dados durante a observação na indústria e as informações sobre as histórias de vida, passamos a organizá-los sob os seguintes tópicos: Situação Familiar; Educação Formal; Qualificação profissional; Prática Produtiva; Participação Social. Esses tópicos foram aprofundados levando-se em consideração as categorias estabelecidas no referencial teórico: a "práxis", a "totalidade", a "contradição", a "reprodução", a "dominação" e a "ideologia", abordando os seguintes aspectos: Situação Familiar - a origem familiar; o universo familiar, as relações familiares, a situação de classe e o lazer; Educação Formal - o acesso à educação formal, a permanência na escola, a questão do saber sistematizado transmitido pela escola; Qualificação Profissional - os cursos profissionalizantes, os treinamentos, a questão da expropriação do saber teórico, a alienação frente aos treinamentos; Prática Produtiva - sua formação para o trabalho, as relações de produção, o disciplinamento e o controle da fábrica; Participação Social - o cotidiano nos trabalhos domésticos, a dupla jornada de trabalho, engajamento, participação em sindicato, em movimentos políticos, valores e a consciência social.

## II - A INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES

### 1 - Considerações Gerais

A Indústria de Confeção de Roupas é aquela que recebe o produto da Indústria Têxtil, o tecido, e o transforma em um bem de consumo direto, ou seja, peças do vestuário feminino e masculino e de roupa e cama, mesa e banho.

Nas formações sociais pré-capitalistas, antes do advento da máquina de costura, as pessoas confeccionavam suas próprias roupas no domicílio. Tanto homens como mulheres empenhavam-se nesta tarefa e as roupas eram confeccionadas a mão. Com a Revolução Industrial, os intensos avanços tecnológicos no setor têxtil aceleraram a produção de tecidos, contribuindo para uma nova forma de produção do vestuário: o industrial.

Em 1846, Elias Howe inventou a máquina de costura, nos Estados Unidos, porém foi o americano Issac Singer, em 1851, que fez seu aprimoramento, tornando-a viável e possibilitando a sua rápida expansão no mercado das primeiras indústrias de confecção. A máquina de Singer foi a precursora das principais características da máquina de costura moderna.

A invenção da máquina de costura contribuiu para um maior avanço na história de confecção do vestuário. A partir daí as famílias passaram a confeccionar suas roupas a máquina, com maior rapidez e com acabamento mais aperfeiçoado, revolucionando a produtividade do trabalho no domicílio. Algumas famílias utilizavam-se da costura não só para produzir seu próprio vestuário, mas também como forma de obtenção de recursos financeiros, na produção a domicílio e mais tarde nas oficinas externas.

Mesmo com a saída da fabricação de roupas do âmbito do

domicílio, o método de produção mais utilizado continuava sendo aquele em que se baseava na confecção da peça inteira por cada costureira. Era necessário portanto que as costureiras fossem mais bem qualificadas, conseqüentemente, eram dispensados métodos de organização administrativa mais complexos entretanto, persistiam métodos considerados tradicionais, artesanais, onde o saber da costureira não era fragmentado.

Após a 2ª Guerra Mundial ocorreu um grande avanço do capitalismo, surgindo a necessidade, cada vez maior de aumento da produtividade nas indústrias. Estudos foram realizados pela Organização Científica do Trabalho dentre estes a divisão do processo de produção. Com isto, difundiram-se métodos que aceleraram o processo produtivo, fragmentando não só o trabalho como também o saber, em detrimento da classe trabalhadora.

Nesse período, o processo de produção de roupas na indústria sofreu grandes modificações sob o ponto de vista técnico. A difusão de novos métodos de engenharia de produção provocou mudança na organização do trabalho, com a parcelização, cada vez maior, dos processos de costura, incrementada pela subjetividade dos processos manuais por máquinas específicas.

As máquinas de costura industriais específicas foram aperfeiçoadas e desenvolvidas principalmente nos Estados Unidos e Alemanha. Empregando tecnologias de grande precisão e alta velocidade, as máquinas viriam contribuir, de maneira efetiva, para o atendimento das exigências do modo de produção, que se instituiu: o capitalismo. Neste modo de produção para cada máquina específica correspondia uma operação para a confecção da peça, sem que fosse mais necessário um operador detentor do conhecimento da confecção total das peças. Tornou-se desnecessária uma qualificação mais abrangente para cada costureira. Dessa forma a qualificação passou a ser fragmentada, para atender a operação das máquinas, com a conseqüente divisão do trabalho. Os métodos de organização administrativa tornam-se mais complexos, pois pretendia-se atender uma produção em massa. A complexidade do processo de produção foi aliada a uma evidente fragmenta-

ção do saber.

A utilização da máquina industrial logo exigiu outras mudanças em setores vinculados a costura, tais como o risco de moldes em grandes quantidades de tecidos enfiados; invenção de máquinas de corte, que permitiram o corte de grande volume de tecido, e de máquinas de passar que possibilitaram melhor acabamento dos artigos produzidos. Estes avanços tecnológicos foram sendo empregados na produção industrial do vestuário, inicialmente de roupas masculinas e, só muito depois, na de roupas femininas.

Tanto a evolução tecnológica como a social e econômica contribuíram para que a produção de roupas a domicílio não fosse mais suficiente para atender às necessidades do ritmo de vida do homem moderno. Havia necessidade de uma produção mais rápida e eficiente, o que se conseguiria na produção industrial. O fenômeno da moda passou a influenciar o consumo de roupas prontas e outros fatores contribuíram para que elas fossem deixando de ser um bem de consumo durável para transformar-se em um bem de consumo com vida útil cada vez mais curta, exigindo mais e mais rapidez na sua produção.

No Brasil o crescimento da Indústria de Confeções foi mais significativo na década de 70, se comparado com os anos anteriores, sendo esse aumento não só em relação ao número de estabelecimentos, mas também ao número de pessoal neles ocupados.

Em trabalho realizado sobre a indústria de confecção de roupas, Abreu cita algumas características gerais da indústria de confecções no Brasil, tais como, o substancial crescimento da produção industrial de roupas feitas na década de 60, e a intensificação desse processo na de 70. Outra característica por ela mencionada é a heterogeneidade da estrutura organizacional dessa indústria, quando comparada com a de outros países.

"A indústria de confecção no Brasil envolve, portanto, um emaranhado de situações, que vão desde a grande empresa capitalista até o pequeno produtor independente, e nisso não aparece, se diferenciar substancialmente da in-

dústria de confecção em outros países. No entanto, o que provavelmente a distingue é o peso que esses setores não-organizados ainda têm na produção do vestuário". (ABREU, 1986: 123).

No Nordeste a confecção de roupas adquiriu características industriais há cerca de 30 anos, aproximadamente, apresentando ainda aspectos de natureza artesanal e doméstica. Permanecem portanto setores não industrializados existindo situações variadas, indústrias de grande e médio porte com métodos de organização do processo produtivo em série, indústrias de pequeno porte e micro-empresas que geralmente trabalham na produção da peça completa — método tradicional — e ainda persistem as costureiras que confeccionam a domicílio.

No Ceará, especificamente, a produção de confecções com características industriais passou a assumir maior expressividade a partir dos anos 60, com a implantação das primeiras indústrias de grande porte, voltadas para a produção de roupas masculinas. Somente na década de 70, é que surgiram os projetos direcionados para a confecção de artigos femininos, particularmente, roupas íntimas.

A partir de 1979, com a criação do III Pólo Industrial do Nordeste, o Governo Estadual incluiu dentre as suas prioridades o Programa de Apoio ao Setor de Confecções, objetivando consolidar a posição desse segmento na região e permitir sua expansão à nível nacional. O parque manufatureiro de confecção do Ceará é considerado, hoje, o segundo mais importante do Brasil.

A indústria de confecção no Ceará concentra-se na região metropolitana de Fortaleza. Essa concentração é considerada alta se levarmos em conta que esta cidade corresponde a apenas 0,2 % do território cearense.

As Indústrias de Confecção de Fortaleza estão classificadas em:

- indústria de confecção de artigos de cama, mesa e banho;
- indústria de confecção de vestuário de tecido plano, malha e plásticos. Neste tipo de indústria estão incluídas cinco categorias: - confecções de roupas profissionais e

"jeans" cuja estrutura organizacional adotam métodos baseados na organização científica do trabalho; - confecções do vestuário masculino (infantil, jovem e adulto); - confecções do vestuário feminino. A maioria dessas indústrias provem da expansão das atividades de costureiras, tendo sido o setor de corte amplamente industrializado. As maiores empresas nesse setor são as de roupas íntimas, confecções em malharia (adulto, infanto-juvenil e bebê), confecções de roupas de couro, onde são encontradas desde empresas artesanais até confecções de dimensões maiores, que destinam grande parte de sua produção para comércio exterior.

O conjunto das Indústrias de Confecção do Ceará é constituído por grandes empresas, que contam com mais de 500 empregados; médias empresas de 100 a 499 empregados; as pequenas empresas de 6 a 99 empregados; e micro-empresas que podem empregar até mesmo uma única pessoa. O número de micro-empresas é difícil de ser estimado, não só porque muitos operam ilegalmente, nas chamadas "confecções de fundo de quintal", como também por sua posição oscilante no mercado. Além deste quadro industrial, no setor de confecção ainda persistem as atividades de costura a domicílio. Consideramos esse fato como uma consequência, não só do processo de industrialização do setor, que não conseguiu absorver a mão-de-obra existente, como também decorrente das relações de exploração a que são submetidos o trabalhador na indústria, fazendo com que este prefira costurar a domicílio ou em sua própria residência. Contrariamente a essa postura, existem as faccionistas-costureiras que trabalham para indústrias, montando peças em suas residências, sem nenhum vínculo empregatício.

Segundo dados do Cadastro Industrial do Ceará, de 1986, este Estado conta com 364 indústrias de confecção cadastradas. Dessas, 319 estão localizadas na região metropolitana de Fortaleza, e absorvem um contingente de mão-de-obra de 17.500 pessoas aproximadamente.

Nos anos de 1987 e 1988, foram aprovados na Junta Comercial do Ceará 488 processos para implantação de Indústrias de Confecção na região metropolitana de Fortaleza.

Dentre as cem maiores empresas existentes no Ceará

rã, por número de empregados, dez são do ramo de confecções de roupas. As empresas de grande e médio porte são as que empregam maior número de mão-de-obra direta (costureiras) envolvidas no processo produtivo. São também as que possuem estrutura organizacional mais definida como processo de produção capitalista visto serem as que mais fragmentam o processo de produção, pois a parcelização das tarefas é necessária para aumento de capital.

Segundo pesquisa realizada pelo SENAI/RN em 1982, 49 % da mão-de-obra ocupada na Indústria de Confecções em nosso estado são semi-qualificadas contra 50 % qualificadas. A referida pesquisa considerou, como pessoal semi-qualificado, os "que possuem ocupações caracterizadas por utilização da destreza manual limitada a operações sujeitas a automatismo, cuja execução atinge, normalmente, atenção, coordenação psicomotora e conhecimentos técnicos rudimentares. (...) Nesse mesmo estudo pessoal qualificado foi considerado aqueles profissionais no exercício de ocupações que demandam habilidade manual em mais alto grau, conhecimento de processos e técnicas operacionais, capacidade de julgamento e iniciativa e, em certos casos, responsabilidade por produtos e materiais de alto custo".

Como veremos mais adiante em nosso estudo essa rotulação de mão-de-obra semi-qualificada e qualificada, da forma como é colocada na pesquisa realizada pelo SENAI, retrata bem o tipo de "educação" para o trabalho que caracteriza o modo de produção capitalista e a conseqüente divisão do trabalho, onde existem a fragmentação do processo produtivo, fragmentando, por sua vez o saber que é transmitido aos operários. Separa-se, portanto, o trabalho dito "intelectual" do trabalho dito "manual". Não há uma articulação teoria/prática, as relações de produção que se estabelecem separam, de um lado, aqueles que planejam, que elaboram, que gerenciam, que detêm o saber teórico, o conhecimento elaborado do processo produtivo na sua totalidade. Do outro lado, ficam aqueles cuja função é apenas de executar parte do processo, sendo expropriado do saber teórico e da totalidade do processo produtivo.

## 2 - Caracterização da Indústria de Confeção em Estudo

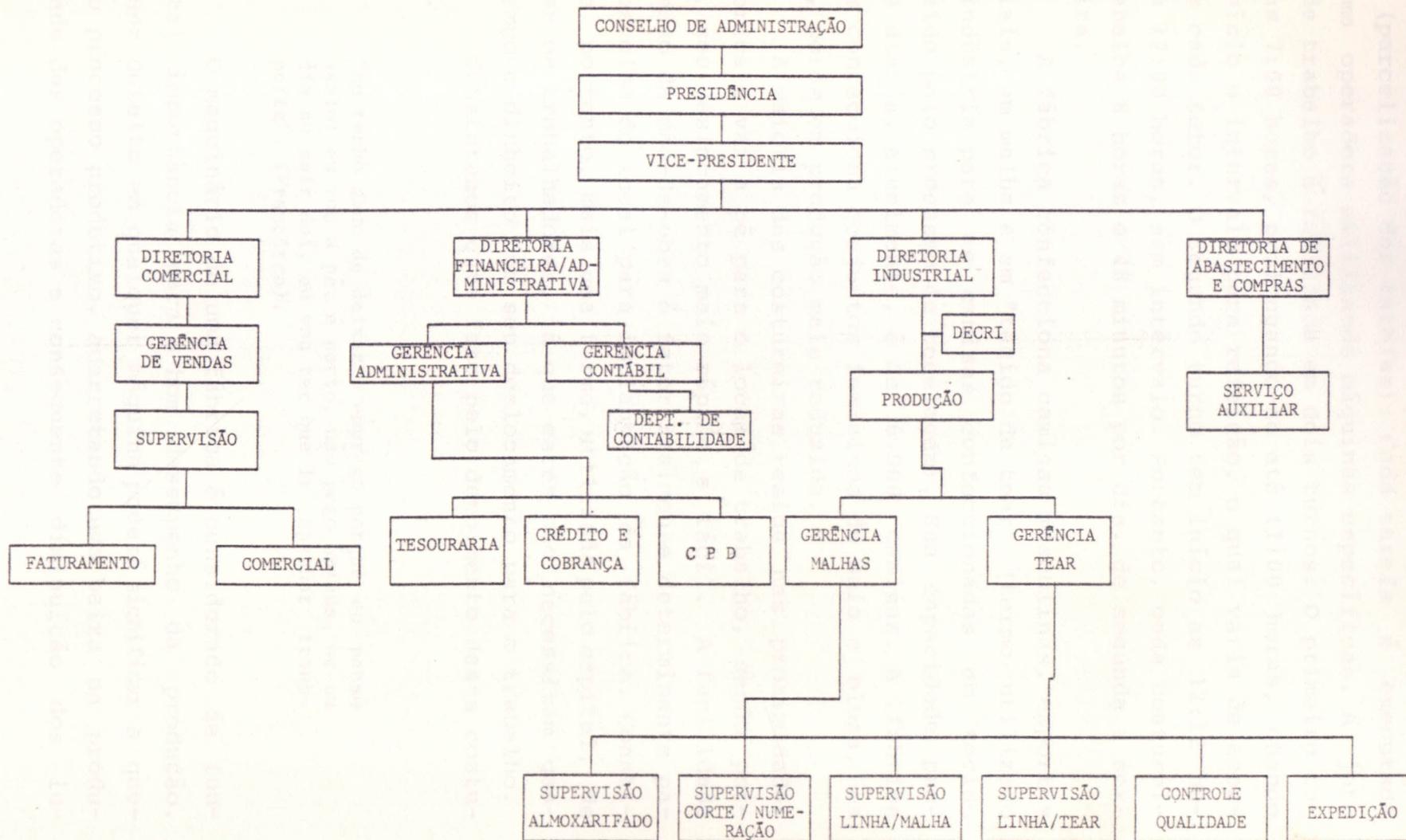
A unidade produtiva onde trabalham as costureiras, sujeitos de nosso estudo, pode ser caracterizada como aquela que recebe o produto da indústria têxtil, o tecido de malha ou de "tear", e o transforma em um bem de consumo direto, ou seja, em peça do vestuário. Ela foi construída em 1980, contando hoje com aproximadamente 940 costureiras. Localiza-se no bairro de Bom Sucesso, na zona Norte da periferia de Fortaleza. Compreende um grande galpão de 5.000 m<sup>2</sup>, um bloco com refeitórios, outro com a parte administrativa e o salão de treinamento e uma lojinha de pronta entrega.

Ao caracterizar o processo de trabalho na indústria de confecção como forma capitalista de produção, reconhece-se que os donos dos meios de produção exercem o controle sobre este processo, bem como sobre a "educação" da trabalhadora assalariada, no caso em estudo, a costureira. O controle científico e gerencial sobre o trabalho abrange tanto as instalações quanto instrumentos de trabalho, materiais, métodos e força de trabalho. Existe uma constante tentativa de transformar o trabalhador numa máquina, na medida em que seu trabalho é fragmentado, reduzido a uma simples operação, insignificante, se vista sob os aspectos humanos, criativo e de realização pelo trabalho.

A estrutura física da indústria compreende três construções distintas: um galpão onde funciona a recepção com a sala da telefonista; o setor de criação e modelagem, que é coordenado pela estilista da fábrica, a sala dos diretores, a sala da gerência de produção e o salão de produção, onde são encontrados os bebedouros, sanitários e os setores de silk screen, corte, preparação, montagem, acabamentos, embalagem e almoxarifado. Nesse mesmo espaço funciona uma oficina mecânica pertencente a fábrica, para manutenção das máquinas.

A gerência de produção é responsável pelo Planejamento e Controle da Produção, onde cada setor possui seus chefes subordinados e esta gerência, conforme o organograma.

FIGURA Nº 02 - Organograma de Indústria de Confecções



O método de produção utilizado é a de linha de montagem (parcelização das tarefas). Cada tarefa é executada por uma operadora utilizando máquinas específicas. A jornada de trabalho é realizada em dois turnos. O primeiro começa as 7:00 horas, prolongando-se até 11:00 horas, quando tem início o intervalo para refeição, o qual varia de acordo com cada setor. O segundo turno tem início as 12:12 horas às 17:00 horas, sem intervalo. Portanto, cada costureira trabalha 8 horas e 48 minutos por dia, de segunda a sexta-feira.

A fábrica confecciona camisas masculinas, esportes e sociais, em malha e em "tecido de tear" (termo utilizado pela indústria para as camisas confeccionadas em tecido produzido pelo processo de tecelagem). Sua capacidade produtiva diária, atualmente, é de 6.000 camisas. A fábrica também confecciona conjuntos femininos de saia e blusa, em malha, porém em produção mais reduzida.

A maioria das costureiras reside nas proximidades da fábrica e vai a pé para o local de trabalho, sendo portanto, seu deslocamento mais rápido e fácil. A facilidade do acesso da mão-de-obra é fator realmente determinante para a escolha do local para implantação da fábrica. Constitui-se, portanto, mais uma forma, utilizada pelo capital, de prender os trabalhadores, já que estes não necessitam gastar tempo e dinheiro com seu deslocamento para o trabalho.

Constatamos este fato pelo depoimento desta costureira.

"Eu tenho medo de deixar o emprego porque eu penso assim: eu vou a pé, é perto, não pego ônibus, se um dia eu sair daí, eu vou ter que ir apanhar transporte". (Francisca).

O maquinário de uma fábrica é considerado de fundamental importância para o bom desempenho da produção. Qualquer defeito em qualquer máquina poderá significar a quebra do processo produtivo, acarretando uma baixa na produtividade das operadoras e conseqüente diminuição dos lucros.

"É muito importante a máquina ser boa, se não a gente não dá produção". (Maria).

As costureiras sujeitos de nosso estudo trabalham em máquina de costura reta de pesponto simples, executando pesponto em gola "colouche" e na bainha da camisa. Percebem o salário mínimo acrescido do prêmio-produção. Para cada operação há um mínimo de produção diária para que a operadora faça jus a esse salário. Esse mínimo de produção a ser atingido é chamado meta. A partir de 68 % da meta a costureira passa a ganhar o prêmio-produção, que varia de 1 % a 80 % do salário mínimo. O prêmio máximo corresponde a 120 % da meta. Podemos citar, como exemplo, uma das costureiras em estudo que pesponta gola. Sua meta é 950 golas por dia, portanto a partir de 646 golas, ela passa a ter direito ao prêmio-produção. Se consegue fazer 1.140 golas por dia, terá um prêmio-produção de 80 % do salário mínimo acrescido ao seu salário. Ela consegue atingir até 140 % de produção diária, ou seja, 1.330 golas por dia. Quando a costureira não atinge 68 % da produção é chamada pelo chefe do setor para justificar sua baixa produtividade, e recebe, então, uma advertência. Se continuar com baixa produção, isto é, sem atingir a meta, será despedida.

O prêmio-produção é um estímulo ao trabalhador utilizado pelo sistema capitalista, para levá-lo a querer produzir cada vez mais. Esse tipo de mecanismo aliena o trabalhador, limitando-o à questão da produção, fazendo-o esquecer de outros fatores essenciais nas relações sociais de produção. Passa a ser então um mecanismo fundamental da "alienação" gerada pelo trabalho no sistema capitalista.

Explica-se esse tipo de mecanismo pela teoria da aprendizagem do condicionamento operante através da repetição da mesma tarefa. Condiciona-se o prêmio à produção, isto é, quem produz recebe o prêmio, quem não produz não recebe. O prêmio é portanto o "reforço".

Está evidenciada nesses mecanismos a utilização de aprendizagem no modelo Skinneriano de modelagem de comportamento, mediante reforço positivo que no caso das costu-

reiras, corresponde ao prêmio-produção. Essa teoria é pressuposto básico da educação tecnicista, tão usada pelas empresas no cotidiano do processo de produção e nos treinamentos que procuram transmitir apenas conhecimentos imediatistas que visam, tão somente a aplicação imediata para a produção.

Esse modelo é muito usado na obtenção da tão propagada "eficiência", ou seja, realizar o máximo com um mínimo de tempo e despesa, logo, com mais lucro para a empresa.

Portanto, a "educação" para o trabalho promovida pela indústria utiliza, dentre outros meios o treinamento, o salário, o prêmio-produção, o disciplinamento e o controle dos operários, visando conservar as condições satisfatórias para a manutenção e reprodução do modo de produção capitalista.

"Fixados os padrões de produção era preciso fazer com que fosse atingidos. Para tanto a Escola Clássica sugeria a seleção, o treinamento, o controle por supervisão e o estabelecimento de um sistema de incentivos". (MOTTA, 1976: 8).

### 3 - O Processo de Trabalho na Indústria de Confecção de Roupas

A sociedade capitalista caracteriza-se pela divisão social do trabalho, pelo domínio do capital sobre o trabalho através da apropriação dos meios de produção e pelo controle do processo produtivo, onde o trabalho que é possível de ser realizado individualmente torna-se coletivo, sob o domínio de quem detém os meios de produção.

Na transformação do trabalho do artesão à manufatura e subsequentemente ao capitalismo, o trabalho deixa de ser autônomo e passa a ser assalariado, quando o trabalhador vende sua força de trabalho e passa a produzir valor, cujo produto é de propriedade do capitalista.

trabalho "A princípio, permanecem os mesmos métodos de trabalho; o que muda, e é uma mudança fundamental, é o fato de que o artesão deixa de executar todo o ciclo de trabalho, o qual conhecia a fundo e se revestia de um particular interesse por ser um trabalho criativo e até certo ponto artístico. Os assalariados, reunidos sob o mesmo teto e sob o controle do capitalista, passam a trabalhar juntos, de acordo com um plano de produção, em regime de cooperação. O resultado do trabalho cooperativo supera a somatória das forças produtivas individuais, pela criação de uma força produtiva nova, a força coletiva: "ao cooperar com outros de acordo com um plano, desfaz-se o trabalhador dos limites de sua individualidade e desenvolve a capacidade de sua espécie". (MARX, 1980: 378, apud KUENZER, 1985: 37).

Embora todas as sociedades tenham subdividido o trabalho em especialidades somente na sociedade capitalista essas especialidades, produtivas foram divididas em operações limitadas, em benefício do capital e em detrimento do trabalhador.

"(...) Enquanto a divisão social do trabalho subdivide a sociedade, a divisão parcelada do trabalho subdivide o homem, enquanto a subdivisão da sociedade pode fortalecer o indivíduo e a espécie, a subdivisão do indivíduo, quando efetuada com menosprezo das capacidades e necessidades humanas, é um crime contra a pessoa e contra a humanidade". (BRAVERMAN, 1984: 72).

A transformação do trabalho na indústria de confecção de roupas ocorreu da mesma forma que em outros setores de produção da sociedade capitalista. Antes do advento do capitalismo, as roupas eram confeccionadas somente por membros da família, parentes, amigos ou mesmo em ateliês, isto é, oficinas onde as peças de roupas completas eram confeccionadas de forma artesanal e individualmente.

Na manufatura e conseqüentemente na sociedade capitalista, o processo de confecção de roupas passou a ser industrializado e o trabalho executado por grupos de pessoas em fábricas. Ocorreu então a divisão do trabalho, o parcelamento das tarefas específicas do processo produtivo. O

trabalho é organizado como em toda indústria capitalista onde o trabalho individual é substituído pelo trabalho coletivo, estabelecendo-se a hierarquia do trabalhador na empresa.

Percebe-se na empresa a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, em que a gerência planeja, coordena e supervisiona e o trabalhador executa parte do processo produtivo.

Na concepção gramsciniana o trabalho manual do operário possui também um conteúdo intelectual, uma vez que, "em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora. (...) Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso". (GRAMSCI, 1978: 07).

O parcelamento de tarefas resulta na progressiva desqualificação do trabalhador, vez que ele necessita saber muito pouco para a realização de seu trabalho, que consiste apenas em fazer parte de um todo.

"No modo capitalista de produção, estas formas de organização do trabalho dividido aparecem como função do capital e são determinadas pelas relações de produção, por sua vez, elas determinam requerimentos de qualificação e de conduta a partir dos quais se define o processo de educação da força de trabalho". (KUENZER, 1985: 13).

Esse aspecto é comentado pela costureira em relação ao treinamento recebido na fábrica.

"Pra mim, nesses treinamentos elas não aprendem nada, não sabe de nada: elas só sabem fazer aquilo ali; pra mim, um profissional, ela tem que saber tudo". (Maria).

No setor produtivo onde o trabalho é parcelado, os trabalhadores, operários e outros podem ser manipulados atendendo a interesses do capital.

A divisão social do trabalho é visivelmente estabelecida pela hierarquia de autoridade em que a grande maioria é submetida ao "saber" (poder) da minoria. Existem os trabalhadores no controle direto da produção e os trabalhadores na produção. A grande maioria destes trabalhadores são os trabalhadores na produção, neste caso, as costureiras, objeto de nosos estudo.

O processo de trabalho passa a ser heterogerido por técnicos de "níveis elevados", enquanto que o trabalho é executado pelo trabalhador, restringindo-o a funções bem específicas.

"(...) a heterogestão trazida pelo novo modo de produção que se iniciava, o capitalista, revolucionou as formas de educação para o trabalho; à medida que a maquinaria substituiu o artesão, o aprendizado longo de um trabalho completo foi sendo substituído por um aprendizado cada vez mais fragmentado de uma tarefa parcial" (KUENZER, 1985: 25).

O sistema coloca em confronto membros de uma mesma classe, no momento em que determinado grupo de trabalhadores controla o trabalho de seus colegas também trabalhadores. Divide a classe para manutenção e reprodução do capital.

Os estudos da Organização Científica do Trabalho realizado por Taylor, Ford e Fayol deram suporte teórico ao parcelamento do trabalho no sistema de produção capitalista, criando mecanismos de controle do trabalho, onde todo processo produtivo é realizado pela gerência científica, que comanda e dá as instruções sobre o desenvolvimento do trabalho: o que fazer, como fazer e em que tempo.

"(...) Este monopólio de saber sobre o trabalho confere ao gerente poder para controlar cada fase do processo de trabalho, que, quanto mais complexo, mais se separa do trabalhador". (KUENZER, 1985: 30).

O sistema necessita de técnicos cada vez mais especializados e qualificados enquanto os trabalhadores tor-

nam-se cada vez mais desqualificados, dada a natureza do trabalho que realizam.

A força produtiva é resultante da correlação de forças do conjunto de trabalhadores, que anteriormente eram independentes e que agora estão sob o controle das ordens e da disciplina do capital.

"Nas indústrias de mão-de-obra, a função dos trabalhadores técnico-científicos é ao mesmo tempo técnica e ideológica. Não estão apenas encarregados de planificar o processo de trabalho, de organizá-lo e de verificar a conformidade dos produtos parciais às normas técnicas preestabelecidas; têm também por função perpetuar a estrutura hierárquica da empresa e reproduzir as relações sociais capitalistas, isto é, perpetuar a separação (a alienação) dos produtores em relação ao produto "comum" e ao processo de trabalho". (GORZ, 1980: 226).

Dentro do contexto hierárquico de autoridade, o processo produtivo da confecção de roupas ocorre com a fragmentação do trabalho nas seguintes etapas:

- a) criação e modelagem;
- b) risco e corte;
- c) preparação;
- d) montagem;
- e) acabamento;
- f) passagem;
- g) embalagem e expedição.

a) Criação e Modelagem - Está subordinada à gerência de produção que, por sua vez, está subordinada à diretoria. Nessa etapa é realizada a criação dos modelos a serem fabricados, a confecção do protótipo ou peça-piloto e posterior confecção dos moldes necessários à fabricação em série dos diferentes modelos.

Após a aprovação do modelo e garantida sua viabilidade econômica e técnica, são confeccionados os moldes necessários de acordo com a grade de tamanhos a serem executados.

b) Risco e Corte - Essa etapa é subordinada à gerência de

produção. Nela são realizados o planejamento de risco, de acordo com a produção da peça e os encaixes, procurando-se obter o mínimo possível de desperdício do tecido. O risco é colocado em cima do enfiado e corta-se com máquinas apropriadas para corte de roupas industriais. Após o corte as peças são separadas em pacotes, de acordo com a linha de montagem, e etiquetadas uma a uma, a fim de serem conduzidas às costureiras, de acordo com as operações específicas.

c) Preparação - Como a fábrica trabalha em série com o parcelamento de tarefas, as partes das peças são preparadas para que possam seguir a linha de montagem e assim compor o todo. A preparação é uma etapa que consiste de várias operações: passa-se o overlock; entretelam-se golas, punhos, lapelas, tapêta, etc.; preparam-se lapelas, golas, mangas e outras partes das peças. Da preparação consiste ainda a aplicação de pespontos.

d) Montagem - Esta etapa consiste na montagem propriamente dita das peças, composta de várias operações de acordo com a linha de montagem da fábrica. Exemplo: fechar as laterais, pregar mangas e gola, etc.

e) Acabamentos - Nesta etapa confeccionam-se as casas, pregam-se os botões, travettes e emblemas. Ainda nesta fase são cortadas todas as pontas de linha que tenham ficado na peça, o que consiste a limpeza da peça.

f) Passagem - As peças são passadas em pranchas industriais de passar ou com ferros de engomar a vapor com a finalidade de dar boa aparência, tornando-as lisas e estiradas.

g) Embalagem e Expedição - As peças são dobradas e acondicionadas em sacos plásticos, colocam-se etiquetas (se necessário) e faz-se a expedição do produto.

Ao final de cada uma dessas etapas, as peças são revisadas por um grupo de operárias revisadoras que observam se há defeitos, de acordo com o padrão de qualidade adotado pela fábrica. Aquelas que estiverem defeituosas voltam para a operadora que executou a operação, para ser corrigida.

De acordo com a hierarquia da fábrica, em todas as etapas trabalham os chefes, as auxiliares, as operadoras (costureiras), a cronometrista e as revisadoras desempe-

nhando cada uma sua função no processo de trabalho estabelecido pela fábrica.

Observa-se nessa hierarquia que, embora o trabalho desenvolvido nas etapas de: a) criação e modelagem e b) risco e corte esteja subordinado à gerência de produção, são desenvolvidas atividades tanto intelectuais como manuais.

O controle do processo produtivo evidencia-se em todas as etapas através da cronometragem da quantidade produzida individualmente por cada uma das costureiras. A qualidade da peça também é controlada ao final do expediente quando cada costureira conserta os seus erros.

Observa-se aqui características evidentes do sistema de produção capitalista em que o trabalhador é controlado a todo momento. Ele tem que produzir e produzir bem. Deve-se adaptar às regras do sistema capitalista com relação ao comportamento, produtividade e adestramento.

As auxiliares ou alimentadoras das máquinas têm a função de abastecê-las e anotar constantemente a produção de cada costureira. Esse abastecimento é constante, para que a costureira não pare seu trabalho por falta de material. Ao final do expediente sabe-se quanto foi produzido por cada costureira.

Duas das costureiras que são sujeito de nosso estudo atuam durante a etapa de preparação, limitando-se seus trabalhos a pespontar golas "colouche" e bainha de camisa, respectivamente.

#### 4 - O Processo Educativo da Costureira na Fábrica

O processo de seleção e admissão de pessoal para uma empresa capitalista considera várias qualificações do candidato. A seleção é feita empregando-se testes de habilidades e entrevistas com a finalidade de identificar e caracterizar o pretendente. Estará apto a ingressar na empresa aquele que melhor se encaixar nos critérios técnicos e comportamentais estabelecidos.

O setor de recursos humanos é responsável pela seleção e treinamento das operárias. Ele escolhe o tipo de profissional de que a fábrica necessita, tanto em relação ao padrão técnico, como de conduta. Admite-se como padrão de conduta o conjunto de comportamentos, hábitos e atitudes, compatíveis com os interesses da empresa. No processo seletivo o setor de recursos humanos, através de estratégias fundamentadas em teorias de comportamento e psicologia social, objetiva atender os interesses da indústria, na seleção dos seus trabalhadores de acordo com o padrão de conduta estabelecido.

Outro fator muito importante na seleção é a idade. Existe um limite de idade para a categoria de costureira, visto que na indústria do vestuário há um desgaste muito grande da mão-de-obra direta, no caso as costureiras, devido à natureza do trabalho que executam. Esse fator tem relação com a capacidade produtiva da costureira.

Estudo realizado por CAULLIRAUX identificou o elevado desgaste da força de trabalho empregada no vestuário. Nas grandes empresas as trabalhadoras depois de 7 - 10 anos de atividade estão sem condições de manter o ritmo exigido".

"(...) estas estratégias administrativas contêm um projeto pedagógico explícito, portanto têm por objetivo ajustar o trabalhador ao processo produtivo racionalmente organizado, através de mecanismos de controle e de difusão de ideologias, convenientes ao interesse empresarial, minimizando os inconvenientes oriundos da divisão do trabalho: perda de conteúdo da tarefa, monotonia, desinteresse, reduzida possibilidade de reflexão, criatividade, decisão e assim por diante".

"(...) O papel educativo do gerente de recursos humanos e dos supervisores reside na busca de integração dos interesses da empresa e dos trabalhadores". (KUENZER, 1988: 68).

Na indústria em estudo admite-se dois tipos de costureiras que são caracterizadas como: costureira "profissional" e costureira de "escolinha".

As chamadas costureiras "profissionais" são aque-

las que têm experiência profissional comprovada de 9 meses a 1 ano. São selecionadas de acordo com a idade, entre 17 a 35 anos, com a experiência profissional e capacidade produtiva. devendo ser capaz de atingir a meta de produção determinada pela fábrica.

Constata-se portanto que "qualificação" se confunde com capacidade produtiva, vez que, considera-se qualificada aquela costureira que tem maior capacidade produtiva, produz mais. Não é suficiente sô saber fazer, tem que saber fazer muito.

As chamadas costureiras de "escolinha" são aquelas selecionadas pela fábrica para serem treinadas pela própria empresa. Para essa categoria são selecionadas mulheres com idade entre 18 e 22 anos, que saibam ler e escrever e que tenham interesse em aprender a costurar para trabalhar na fábrica.

O treinamento para as costureiras de "escolinha" é realizado em local específico, semelhante ao galpão de produção, com máquinas de costura reta e overlock.

São formadas turmas de quinze participantes que são treinadas, durante cinco dias, em várias habilidades de manejo e controle da máquina de costura. No treinamento elas aprendem primeiramente o manejo e controle da máquina, através de exercícios de habilidade e destreza. Num segundo momento elas passam para o galpão de produção da fábrica, executando durante dez dias a operação específica que irão desenvolver. No décimo dia cada uma deverá atingir o potencial esperado para essa operação.

No processo de transformação do trabalho do artesão da confecção domiciliar ao processo de trabalho no sistema capitalista de produção, na fábrica, a relação entre educação e trabalho é alterada. Já não é mais necessário qualificar um operário que execute todo o processo de produção, o que levaria anos para sua formação. É necessário apenas desenvolver habilidades parciais que, dependendo do grau de complexidade da tarefa, poderá levar apenas poucas horas de treinamento, podendo ser realizado até mesmo dentro do processo produtivo, no exercício de sua função, "in

2 602353

the job".

"(...) nada que não seja prático é ensinado. Aprende-se fazendo e aprende-se apenas aquilo que serve à operação a ser executada. Qualquer informação teórica ou tecnológica só é transmitida na estrita medida da necessidade prática. É o processo de produção que disciplina o processo de aprendizagem. A grande empresa irá desenvolver sua pedagogia que tende, no limite, a produzir em todos o "idiotismo da profissão", para usar uma expressão de Marx. "O que caracteriza a divisão do trabalho no seio da sociedade moderna, é que ela engendra as especialidades, as espécies, e com elas o idiotismo da profissão". (SALM, 1980: 95).

As treinandas são acompanhadas pelas instrutoras durante mais trinta dias, quando seu desempenho é controlado através de gráfico de produção, que explicita a evolução da sua produção durante o treinamento. Ao final de cada um deles é dado um parecer que determina se a costureira poderá ou não ficar trabalhando na indústria.

Durante esse período de treinamento, além da capacidade produtiva, são observados também os aspectos de temperamento e relacionamento com chefes e colegas. Sua aprovação para compor o quadro da empresa dependerá também de seu comportamento.

"Se o comportamento da costureira não for condizente com o que a empresa espera; disciplina, bom relacionamento com os chefes e demais costureiras, não conversar durante o trabalho, etc., ela não fica na empresa". (Supervisor de Produção).

Durante o treinamento são realizadas palestras para o grupo de treinandas para explicar como deve ser o comportamento na fábrica, como é a sistemática de trabalho por produção, o que e como é o prêmio produção, quais os direitos e deveres da costureira.

Esses treinamentos constituem-se uma característica típica das grandes indústrias capitalistas que, através deles, reproduzem, de acordo com suas necessidades produtivas a sua força de trabalho.

O trabalhador qualificado dentro dos padrões do sistema capitalista de produção é aquele que se submete à disciplina, à hierarquia da empresa.

"(...) qualificado é aquele que veste a camisa da empresa e conhece o seu lugar, nos dois sentidos da expressão". (SALM, 1980: 99).

À medida que o controle de produção revela necessidades, são ofertados treinamentos específicos visando qualificar mão-de-obra para certas operações específicas, o que contribui, mais uma vez, para a fragmentação do trabalho e da consciência do trabalhador. O saber que é transmitido é fragmentado, porque é somente a parte de um todo que é ensinada. A treinanda não tem a menor noção do processo inteiro, pois aprende apenas uma parte. Também, frequentemente, não sabem, sequer, porque estão fazendo aquilo; não estabelecem relação com o restante do processo, vez que, muitas vezes, nunca fizeram ou viram fazer uma peça completa.

Por outro lado, o saber que é transmitido é apenas o saber-fazer, que se constitui do adestramento para uma determinada operação. Portanto, ocorre a expropriação do saber e do controle do processo do trabalho pelo trabalhador.

O treinamento dentro do processo de produção é desenvolvido de forma tecnicista, nos moldes da teoria de aprendizagem chamada condicionamento, onde há uma "programação" por "passos". Cada passo constitui uma operação específica, uma tarefa, e sua aquisição é realizada mediante a modelagem do comportamento.

Dessa forma, à costureira resta somente a operação manual e a expropriação do aspecto "intelectual" do trabalho. Ela aprende apenas a manejar uma máquina com uma única finalidade específica e limitada: a de fazer a operação bem feita e cada vez mais rápido e, assim, produzir cada vez mais. A lógica do capital, produzir a mais-valia, é obtida através da modelagem do comportamento.

Destacamos o que significam esses treinamentos para uma costureira que se profissionalizou aprendendo todo o processo de confecção de uma peça, desde a modelagem à montagem:

"elas não sabem nem o que tá fazendo, tenho certeza. Tem gente até que faz a operação sem saber nem o que tá fazendo. Costureira de operação, sem ter nunca feito o curso, não é uma costureira, na minha opinião, não. Quando a gente trabalha numa firma que só faz uma operação é mais vantajoso porque a gente produz mais. Melhor porque tem mais produção, mas que costurando a peça toda é muito bom porque a gente descobre muita coisa, vai descobrindo na costura e vai fazendo, e eu aprendo mais. A roupa completa, pra mim é mais importante, eu acho. Me sinto mais realizada, sabe que fez. Acho que seja mais vantagem" (Maria).

O próprio depoimento da costureira demonstra que ela percebe o trabalho como um momento de aprendizagem e de realização pessoal, de satisfação, de criação. Conceber o trabalho como um momento de educação é admiti-lo como princípio educativo. Admitir o trabalho como princípio educativo é admitir que é pelo trabalho que o homem se educa. Na medida em que ele produz, no processo de criação, na relação teoria-prática, ele gera saber e torna-se ser de sua "práxis".

Marx instituiu o trabalho como princípio educativo, "é pelo trabalho que o homem se descobre como ser da práxis, ser individual e coletivo. (unidade de contrários)". (GADOTTI, 1984: 44).

O trabalho deve oportunizar ao homem o conhecimento teórico-prático propiciando ao mesmo tempo, reflexão e criação. O trabalho como formação da consciência é produção do saber.

"a finalidade da escola que unifica cultura e trabalho, é a formação de homens desenvolvidos multilateralmente, que articulam à sua capacidade produtiva as capacidades de pensar, de estudar, de dirigir ou de quem controlar quem dirige". (KUENZER, 1988: 126).

A proposta de Gramsci da nova escola, comprometida com os interesses da classe trabalhadora, tem como diretriz o trabalho como princípio educativo. Nesta proposta de escola o "conteúdo, será politécnico, enquanto propiciar o resgate da relação entre conhecimento, produção e relações sociais, através da apropriação do saber científico-tecno-

lógico através de uma perspectiva histórico-crítica, que permita a participação na vida social, política e produtiva, enquanto cidadão e trabalhador". (KUENZER, 1985: 130).

Percebe-se nesses treinamentos a exploração do trabalho humano e sua alienação, quando se elimina do trabalhador o domínio sobre o trabalho, o processo criativo do trabalho, com a conseqüente desqualificação do trabalhador. Esta característica da organização do trabalho na produção capitalista, onde o trabalho individual é submetido pelo trabalho coletivo, impossibilita o trabalhador de realizar seu trabalho de forma criativa, de pensá-lo e controlá-lo. Este passa então a ser heterogerido. Existe o monopólio do saber sobre o trabalho por parte da gerência de produção.

"A posse do conhecimento sobre o trabalho passa a funcionar como força a favor do capital, conferindo poder aos níveis técnico-administrativos; o operário, cada vez mais expropriado do saber sobre o trabalho, desempenha funções cada vez menos qualificadas e sub-remuneradas. O taylorismo, pela institucionalização da heterogestão, constitui-se em uma ainda mais refinada forma de exploração do trabalho pelo capital. Daí ter-se afirmado anteriormente que a heterogestão é a lógica da desqualificação do trabalho, e portanto, da alienação". (KUENZER, 1985: 30).

Outro aspecto decorrente destes treinamentos é a submissão do trabalhador ao capital pela limitação de seu trabalho a uma única operação.

Conclui-se portanto que a fábrica transmite a ideologia capitalista ao mesmo tempo que veicula uma nova concepção de mundo de acordo com os interesses hegemônicos. Isto se dá através do trabalho dos intelectuais que estão à serviço do capital, representados pelos técnicos, supervisores, chefes de secção, que são agentes responsáveis pela educação do trabalhador na fábrica.

"(...) A reprodução da ideologia vem a ser uma condição "sine qua non" da reprodução das relações materiais e sociais de produção". (FREITAG, 1980: 34).

### III - VIDA, EDUCAÇÃO E TRABALHO DA COSTUREIRA

O cotidiano da costureira, onde se desenvolve sua "práxis", identifica-se, na grande maioria de seus aspectos, com a vida de milhares de mulheres trabalhadoras assalariadas do sistema fabril que, na luta pela sobrevivência, articulam diversas estratégias para conciliar o trabalho com o seu papel social de mulher dentro da família. Imposta pelas condições de vida da sociedade capitalista, nesse cotidiano ela gera e reproduz a força de trabalho, ao mesmo tempo que é parte integrante dessa mesma força. Determinadas situações de sua vida são extremamente pedagógicas. O trabalho ensina, e o modo como este se realiza e a forma como a costureira participa dele irá defini-la como sujeito produtivo.

Nesse contexto a costureira caracteriza-se também como mãe, como mulher, como dona-de-casa, além de trabalhadora assalariada. Ao mesmo tempo que é produtora ela desenvolve um processo educativo inerente a sua "práxis". O processo educativo da costureira se faz nas relações familiares, nas relações sociais e nas relações de trabalho.

As três costureiras sujeitos deste estudo são mulheres trabalhadoras. A primeira chama-se Maria tem 45 anos, é casada, tem um filho e criou três sobrinhos como se fossem seus próprios filhos. Aprendeu a costurar em curso profissionalizante de corte e costura, onde lhe foi ensinado todo o processo de confecção de roupas, desde o corte até o acabamento final da peça. Começou a trabalhar num pequeno ateliê de costura, nos dois períodos, manhã e tarde. Não tinha carteira assinada e seu salário era semanal, por produção. Recebia a peça cortada, com o acabamento, e sua tarefa era realizar o restante das operações, entregando a peça pronta. Depois de trabalhar em vários ateliês nessas mesmas condições, decidiu costurar em casa para pessoas que a pro-

curavam. Passou, portanto, a trabalhar como autônoma, onde produzindo peças do vestuário e realizando todas as operações do processo de confecção. Fazia a peça completa - planejamento, corte e execução. Após um certo período trabalhando dessa forma, casou-se e parou de trabalhar porque o marido não a permitia. Quando o filho já estava com a idade de 8 anos, o marido ficou desempregado e ela, mesmo contra a vontade dele, resolveu procurar emprego na fábrica de confecção de roupas onde trabalha até hoje, pespontando gola de camisa masculina. Portanto, ela é uma costureira que domina todo processo de produção de roupas, porém, como trabalhadora assalariada de uma fábrica de grande porte, realiza apenas uma operação no processo de produção da peça.

A segunda chama-se Francisca, tem 30 anos, é solteira, aprendeu a costurar na escolinha da fábrica. Iniciou sua vida profissional quando aí ingressou e foi submetida ao período de treinamento. Após os períodos de treinamento e de experiência, ela foi admitida no quadro de trabalhadores da fábrica, fazendo bainha de camisa masculina. Seu conhecimento sobre costura se restringe a algumas operações que teve oportunidade de realizar na fábrica. Essa costureira não sabe fazer uma peça completa, realiza apenas parte do processo produtivo.

A terceira chama-se Toinha, tem 47 anos, é casada e tem 9 filhos. Aprendeu a costurar em curso profissionalizante de corte e costura, onde aprendeu todo o processo de confecção de roupa, desde o corte ao acabamento final. Iniciou sua vida profissional, no interior do Estado, onde costurava a domicílio, fazendo roupas para a família, amigos e vizinhos. Após seu casamento parou de costurar por um período de mais ou menos um ano, indo em seguida trabalhar numa confecção de pequeno porte, onde recebia a peça cortada e bordada a fim de ser armada. Portanto, nestas circunstâncias, realizava algumas operações do processo de confecção. Depois trabalhou em outras pequenas e micro empresas de confecção de roupas, quando decidiu ter sua própria confecção e comprou sua primeira máquina a prestação com o aval de uma amiga. Aos poucos foi montando sua própria empresa.

Chegou a ter cinco máquinas, mas por problemas familiares descapitalizou-se e teve que fechar a fábrica. Voltou então a trabalhar para uma micro-confecção, mas não mais se adaptou a ser empregada. Foi ser diarista, a domicílio, e continua até hoje nessa atividade, como autônoma.

Através do estudo das histórias de vida destas três costureiras, Maria, Francisca e Toinha, procuramos mostrar o processo educativo pelo qual passaram em diferentes momentos de sua vida, onde realizamos uma análise crítica destes relatos compreendida através das seguintes categorias: a práxis, a totalidade, a contradição, a reprodução, a dominação e a ideologia assim admitidas como pressuposto teórico deste estudo.

No ambiente familiar é onde se inicia os conhecimentos básicos para a vida através da transmissão dos valores admitidos por cada família. Estes valores são reflexos de uma dada ideologia que se quer transmitir e que serão reforçados ou não pela escola e num âmbito maior pela sociedade civil.

Portanto, as relações de dominação e submissão tem início na família. A submissão da mulher ao pai e posteriormente ao marido, fruto da herança de uma educação patriarcal.

A família da classe trabalhadora na sociedade capitalista tem um papel fundamental na reprodução e manutenção de sua força de trabalho.

Observamos pelos relatos que a costureira mais submissa ao capital é justamente aquela que teve uma educação familiar repressiva, sempre foi muito submissa aos pais, teve um comportamento de submissão na escola e posteriormente ao marido.

## 1 - Situação Familiar

A origem familiar das costureiras em estudo é característica dos estratos sociais de menor poder aquisiti-

vo, cujo universo familiar é numeroso.

O ambiente familiar, as condições sócio-econômicas da família, o lugar onde mora, são fatores que têm grande influência no processo educativo, já que este tem início nas relações familiares. Muitas vezes não existem condições reais para que os filhos permaneçam na escola.

"Meu nome é Maria nasci em 1944, em Fortaleza. Minha mãe era doméstica e meu pai sapateiro. Das mulheres eu sou a mais velha. Meu pai teve 5 filhos da primeira família e 9 da segunda família. Eu tinha 13 anos quando minha mãe morreu. Quando ela já estava pra morrer, disse que não fracassasse, que eu não parasse de estudar.

Quando eu era pequena nós vivíamos muito bem, só com o trabalho do papai. Sei que a gente vivia muito bem. Quando ele se mudou para o Parque Santo Antônio e foi viver com a outra mulher é que as coisas pioraram.

Moro na casa da minha irmã, com seu marido e meu filho. Minha irmã tem 2 filhos (morreu 1 com 13 anos), que me chamam de mãe. No tempo que eu não trabalhava fora, eu criava meu filho e meus três sobrinhos". (Maria).

"Nasci em 1959 em Quixadá, depois vim morar com uns tios em Fortaleza para estudar. Depois papai veio pra Fortaleza e resolveu juntar todo mundo (os irmãos).

Minha mãe é doméstica, meu pai é agricultor, eu sou a quinta filha de doze irmãos.

Sou solteira, moro com meus pais, vou a pé para a fábrica fica perto. Saio de casa as 6:15 e entro as 6:45.

Saio pro almoço 11:00, entro as 12:00 e saio pra casa as 5 da tarde". (Francisca).

"Nasci em 1942 em Auroras. De 2 para 3 anos fui morar em Barbalha, meu pai foi trabalhar lá. Meu pai era agricultor, nascido em Auroras.

Tive uma infância muito boa, brincava muito, muito mesmo. Meu pai gostava de passar bem, barriga cheia". (Toinha).

A classe trabalhadora de uma maneira geral tem raros momentos de lazer, vez que é durante o fim de semana que as tarefas de lavar, passar e costurar para família ou mesmo para fora, dentre outras, são realizadas.

"No fim de semana eu vou lavar, passar toda roupa da semana, a minha, a do marido e do filho e aproveito para fazer alguma roupa para família e sobrinhos.

As vezes, em casa, uma amiga me pede para eu ensinar a cortar, a costurar uma roupa, aí eu ensino". (Maria).

"Domingos eu ia lavar, passar, nunca tive tempo pra passear. Quando os meninos eram pequenos, no domingo eu levava eles pra assistir televisão no vizinho.

Os dois mais velhos não tiveram infância, eu olho pra eles e fico com pena". (Toinha).

## 2 - Educação Formal

O acesso à escolarização é, predominantemente, em escolas públicas, cuja inculcação ideológica predispõe sua clientela para desenvolver atividades essencialmente da classe dominada. Mesmo ajustando a educação geral com as disciplinas desta formação, <sup>os</sup> docentes dessas escolas reconhecem que, bem mais cedo do que deveriam, os alunos se evadem para trabalhar.

A permanência das crianças das camadas populares na escola é limitada, dado sua condição enquanto classe dominada, o que determina grande evasão escolar. Essas limitações verificam-se a todo momento, pelas inúmeras dificuldades, principalmente das de ordem financeira, por que passam as famílias. Logo cedo faz-se necessário a inserção dos filhos menores no mercado de trabalho. Portanto, por questão de sobrevivência, são engajadas no processo produtivo, ficando os estudos em segundo plano.

Percebe-se, pelas histórias das costureiras em estudo, a questão da evasão escolar ocasionada pelas limitações acima mencionadas. Dentro da questão maior das limitações financeiras ocorre a problemática da mobilidade, muito frequente na classe trabalhadora. As constantes mudanças de residência, de bairro, ou mesmo de cidade, dificultam o

acesso à escola, tornando-se impossível permanecer no sistema regular de ensino.

"A minha vida começou assim: eu pequena, comecei a estudar, tinha 6 anos, numa escola, baratinha, era paga, era na mesma rua. Depois passei a estudar na outra rua, comecei no jardim e fiz o 1º ano primário no Instituto Edvaldo Batista, 1º ano fraco. O 1º ano B passei para o Grupo Escolar Rio Branco. Todos os anos eu passava, nunca fui reprovada. Fiz até o 5º ano. O 3º ano eu fiz no Ginásio Santa Maria - Benfica. A 4ª série saí, foi na época que minha mãe morreu e houve uma mudança aí na nossa vida que atrapalhou muito nossos estudos. Meu pai se juntou com uma mulher, que já tinha 2 filhos, aí foi morar no Bom Jardim. Tinha dia que tinha o dinheiro pra gente vir de ônibus e tinha dia que não tinha. Tinha 14 anos nessa época. Fiz até o 3º ano, comecei a 4ª mas não deu mais pra estudar. Aí passou os 15, os 16, acho que passou 18, 19, 21, foi que eu voltei a estudar porque ele se mudou pra Vila Manoel Sátiro e depois pro Mondumbim. Aí eu arranjei uma vaga no Juvenal de Carvalho (Colégio Salesiano)" (Maria).

Mesmo diante das inúmeras dificuldades existentes ao acesso e a permanência na escola, verifica-se a grande valorização do saber sistematizado pela escola como forma de viabilização para melhoria das condições de vida, como forma de se conseguir um melhor emprego e conseqüentemente melhores salários.

" Eu gosto de ser costureira, mais eu acho, pelo meus estudos, pela 8ª série eu tinha capacidade de ter um cargo melhor, mas até hoje eles não me deram nenhuma chance. Também eu não pedi, eu acho que mereço ter um cargo melhor, tem chefe de setor". (Francisca).

Componente marcante na educação escolar são as relações de dominação e submissão mantidas na família, uma vez que a educação familiar dada pelos pais, com relação a disciplina e comportamento, se for muito repressiva pode gerar comportamentos também submissos e repressivos em outros ambientes, como na escola e no trabalho. Constatamos este fato no processo educativo das costureiras em estudo.

"No colégio eu sempre fui muito bem, nunca levei repressão, nunca fui de castigo, nunca tive nota baixa, nunca fui reprovada. Só em eu dizer que nunca fui reprovada, por aí você tira.

Sempre fui calma. Toda vida eu fui calma, num veio reclamação em boletim. Eu gostava de brincar, mas em casa. No colégio eu tinha medo de chegar arranhada, não brigava, nunca, nunca eu brigava. Seja onde fosse que eu estudava, nunca eu brigava e então eu nunca fui mal aluna. Sempre tive bom comportamento, nunca tirei nota baixa, primeiro lugar eu nunca tirava, tirei só uma vez, brincava muito de leve, pra não levar queda, não chegar suja em casa, porque a mamãe brigava, dizia que não podia tá lavando roupa todo dia não". (Maria).

"Comecei a estudar com oito anos, no interior. A escola não era rigorosa, não tinha castigo. Gostei dos meus estudos, dos meus professores. Tinha dificuldades, não conseguia aprender, tive problema de doença. Aqui e acolá eu vou pro colégio, vou um ano começo a ter dificuldade e deixo no meio do ano. Fiz até a 8ª série.

Estudei, pouco, tinha vontade de me formar pra professora, um dia". (Francisca).

"Todos os 7 irmãos estudaram. Parei de estudar na 3ª série porque eu queria estudar costura. Perdia aula aí eu deixei de estudar, pra trabalhar. Sei ler, escrever. Todos os irmãos pararam cedo de estudar, mas só quem trabalhava era eu". (Toinha).

### 3 - Qualificação Profissional

A qualificação profissional para o trabalho se estrutura num sistema diferenciado e paralelo ao sistema regular de ensino. Ela propicia o treinamento do indivíduo com a finalidade de prepará-lo para atuar no sistema produtivo, nas funções técnicas, dentro de uma hierarquia ocupacional.

"(...) qualificação do trabalhador é entendida como resultado da instrução e da experiência, sendo que por instrução compreende-se tanto a frequência ao sistema de ensino regular quanto a realização de cursos profissionais ofertados por instituições específicas de treinamento ou pe-

las próprias empresas". (KUENZER, 1985: 132).

A vida profissional da classe trabalhadora inicia-se muito cedo dada a necessidade de sobrevivência. Logo direciona-se para uma determinada atividade que geralmente é um trabalho manual.

Através de pesquisa realizada com costureiras na cidade de São Paulo, ABREU (1986) constatou que elas iniciam sua profissionalização a nível doméstico, quando demonstram interesse, observando o trabalho da mãe na confecção de roupas para a família ou como fonte de renda. Seu interesse é geralmente despertado confeccionando roupinhas de bonecas e, a partir daí, passam a fazer suas próprias roupas, até que, quando adultas, confeccionam roupas também como forma de geração de renda. Costuram a domicílio como forma de prestação de serviço, na sua própria casa, ou ainda como assalariadas em confecções pequenas, tipo ateliê, ou mesmo em grandes confecções.

A qualificação profissional quando não se dá no próprio local de trabalho é realizada através de cursos de pequena duração, cursos de aprendizagem profissional específicos escolhidos de acordo com as necessidades sentidas pelas trabalhadoras. Nestes cursos as costureiras se profissionalizavam aprendendo todo processo de confecção de roupas, desde o corte ao acabamento final da peça. O objetivo dessa profissionalização é o de qualificar pessoas para execução de atividades de costura como autônomas, na confecção de roupas no processo artesanal, utilizando corretamente as técnicas de costura.

"(...) Em muitos casos a prática é complementada por um curso no qual os conhecimentos adquiridos de maneira empírica são sistematizados e legitimados, especialmente em relação a tarefas específicas consideradas mais complicadas, como tirar medidas, fazer moldes, cortar". (ABREU, 1986: 231).

"Comecei a costurar fazendo roupas, sapatinhos e bolsas para minhas bonecas. Quando eu tinha onze anos, eu entrei no curso de bordado a mão, mas não tirei o curso porque não tinha idade. A idade pra tirar o curso era 15 anos e eu tinha 11. Minha mãe

costurava pra gente e eu via meu pai fazendo sapatos e ia aprendendo. Depois que minha mãe morreu, comecei a fazer minhas roupas. Quando não sabia ficava tentando até acertar, adoidado, da minha cabeça, não sabia nem se tava certo. Aí foi a época que eu tirei o curso e a professora era muito boa, ela ensinava.

Quando comecei fazer o curso eu já trabalhava fazendo camisola. A mulher onde eu trabalhava deixava eu fazer o curso, trabalhava e fazia o curso, ela deixou, porque não queria que eu não sabsse de lã, porque eu dava produção, aí ela deixava eu faltar, era 3 vezes por semana, ela gostava muito do meu trabalho.

Saí de lã justamente quando meu pai veio morar no Parque Santo Antônio. Aí eu já tinha minha máquina. Eu fiquei costurando pra minhas amigas, quando trabalhava aos sábados e domingos eu costurava.

Tirei o curso de corte e costura. Aprendi os detalhes, as costas maior que a frente, pences, pregas, medir na trena. O curso era por escrito, ela copiava tudo no quadro negro e agente passava pro caderno. Aí toda semana a gente fazia uma miniatura, manga, manga comprida, japonesa. Tinha esquadro, trena, carretilha, alfinetes". (Maria).

"Aprendi a costurar com Maninha Duarte, que ensinava corte e costura em Barbalha. Fui das primeiras alunas e tirei o primeiro lugar. A gente fazia os modézinhos "tudo pequenininhos, aprendi fazer roupa feminina, de criança e camisa de home", roupa de "home" eu aprendi sozinha, com a prática. Depois que eu peguei a prática fazia todo tipo de roupa.

Sempre tive paixão por costura, fazia roupinha de bonecas. Quando eu completei 15 anos, meu pai me deu uma máquina de presente, sou eu sabia costurar lã em casa.

No curso aprendia a fazer molde, cortar e costurar, o molde era feito por trena, pelas medidas, todo dia tinha que fazer aquela lição de casa, em papel e alfinete, uma saia, uma gola. Recebi diploma.

As aulas era de sete as onze de 2ª, 4ª e 6ª, a turma era de quinze e uma professora". (Toinha).

Para atender ao setor industrial surgiu o SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial em 1942 através da Lei Orgânica do Ensino Industrial. Desta forma são oferecidos cursos industriais básicos, técnicos e cursos de aprendizagem. O SENAI pertence à rede de ensino privado de formação profissional, cuja política de trabalho é a reprodução da força de trabalho industrial mediante qualificação

de mão-de-obra específica para os diferentes setores industriais.

De acordo com o fluxo de produção, pessoas são treinadas para executar parte do processo produtivo. Nestes treinamentos o saber transmitido é fragmentado, limitado à operação específica. A visão global do processo de produção de roupas não é de conhecimento dessas pessoas, pois ele é planejado, organizado e controlado pela gerência de produção.

"Na escolinha a gente só aprende mesmo é controlar a máquina, enfiar a linha na agulha, costurar em retalho. No tempo que eu fui para a escolinha, só passei um dia e meio, aprendi logo a controlar a máquina e fui logo para a produção.

Antes de ir para a escolinha eu sabia costurar em máquina simples, eu fazia calção, calcinhas, consertos, coisinhas simples mesmo.

Aprendi com minha irmã, ela é costureira, costura em casa. Ela faz tudo. Ela cortava pedia pra eu fazer, aí eu fazia. Quando eu era menina eu gostava muito de fazer roupinha de boneca, gostava muito, gostava demais, fazia na mão, tinha medo da máquina". (Francisca).

Na visão dos sujeitos deste estudo as costureiras de operação não são profissionais de costura porque não sabem fazer a peça completa, portanto não detêm nem o saber, nem o processo. Elas realizam apenas uma parcela do processo através da repetição da operação. Trata-se de uma "práxis reiterativa". Não existe renovação do processo, é um trabalho manual meramente repetitivo.

Já as costureiras que aprenderam o processo como um todo, têm, no mínimo, noção de técnicas de costura. Portanto trata-se de um trabalho intelectual e manual na medida em que elas têm consciência do que estão fazendo e porque estão fazendo. Têm o conhecimento teórico-prático, o que caracteriza uma "práxis criativa".

#### 4 - Prática Produtiva

A iniciação da costureira no mundo do trabalho

ocorre basicamente por necessidade de participação na renda familiar. Nessa circunstância os estudos ficam em segundo plano e ela vai à luta pela sobrevivência própria e de sua família. Muitas vezes iniciam trabalhando em pequenos ateliês de costura como auxiliares, passando posteriormente à costureira industrial.

No setor da confecção de roupas existe uma diversidade muito grande, de formas de trabalho, que vão desde o mais artesanal e doméstico ao sistema de fábrica cujas relações de trabalho são tipicamente capitalistas. Estas relações variam de acordo com as características de cada local de trabalho.

No modo de produção artesanal, no doméstico, a atividade de costura caracteriza-se como tipicamente artesanal, onde a costureira confecciona a peça completa. Ela detém o conhecimento completo do processo de fabricação. Já no modo de produção capitalista, o processo de produção é parcelizado, o conhecimento é fragmentado, a costureira executa apenas parte do processo de produção. Já que não é mais necessária a visão do todo, é necessário, apenas "saber fazer" parte desse todo, ocorre a desvinculação entre concepção e execução.

Todo processo de criação e planejamento do trabalho é realizado por profissionais de níveis mais elevados na hierarquia ocupacional da fábrica, restando às trabalhadoras manuais a execução rotineira, controlada pela "gerência científica".

Na opinião das costureiras em estudo é importante saber fazer a peça completa, tanto no sentido de satisfação pessoal, pela construção e, criação do produto, como pela sua desvinculação do capital, como forma de se libertar da fábrica. Embora este segundo aspecto não esteja muito claro para elas, está implícito no discurso, quando admitem que esta é a forma de conseguir mais facilmente outro emprego ou mesmo trabalhar por conta própria, fora do controle direto do capital.

"Mas a gente se sente bem mesmo é fazendo a peça

toda, sempre faço em casa, faço calça, vestido. Tive vontade de ter uma confecção, mas a gente precisa ter dinheiro, ter máquina. Também não adianta só ficar pensando sabendo que não vai dar". (Maria).

"Eu preferia fazer a peça completa porque a gente aprendia mais, e no dia que quiser sair da fábrica, pode trabalhar por conta própria, ter uma confecçãozinha. Eu gostaria muito eu acho que um dia ainda vou pedir para fazer a peça completa. Tenho vontade de aprender". (Francisca).

"Eu pensei, quer saber de uma coisa? Eu sei cortar, eu sei riscar, sei costurar, não vou mais trabalhar, aguentar aborrecimento dos outros não!". (Toinha).

Portanto o que se verifica é a apropriação do processo de trabalho pelo capital e sua transformação com o objetivo de aumento da valorização e acumulação do próprio capital em detrimento da classe trabalhadora.

Embora na forma inicial a costureira também esteja submetida ao capital já que não detém os meios de produção, o que diferencia é com relação ao saber, ao conhecimento globalizante do processo de trabalho. À medida que este é industrializado, a costureira vai sendo expropriada deste SABER, limitando-se ao trabalho na fábrica.

"(...) Neste sentido, o "ser trabalhador" reflete exatamente sua situação de expropriado, que nada mais tem do que sua própria força de trabalho, a qual deverá vender para assegurar a sobrevivência. Ou seja, reflete sua situação de objeto, e não de sujeito histórico, produtor do mundo e do saber.

É importante, contudo, reforçar que esta concepção de trabalhador, enquanto empregado, é própria do capitalismo e, como este, encerra suas contradições, pois que, se o trabalho é, por um lado, o exercício de uma função produtiva a favor da acumulação do capital, é também uma forma de ação sobre a natureza, que permite experimentar, fazer, descobrir, discutir, pensar, relacionar-se com outras pessoas, enfim, produzir a própria consciência e produzir um conjunto de saberes que lhe possibilitarão viver em socie-

dade e trabalhar". (KUENZER, 1988: 123).

Na fábrica as relações de produção são bem diferentes das existentes do trabalho não fabril. No processo fabril é necessário que a costureira se adapte ao processo de trabalho e à parcelização das tarefas. Ela não irá necessitar de todos os conhecimentos que tinha no processo não fabril, já que executará parte do processo. Por outro lado será necessário que ela aprenda como se ajustar ao disciplinamento, ao controle, à submissão do sistema.

A perda desta autonomia, e a conseqüente perda do saber totalizante, limita o campo de atuação da costureira para que a mesma possa se estabelecer independente da fábrica, ou mesmo como fonte de renda extra fábrica, nos fins de semana.

"Quando chego em casa tem costura de fora pra fazer, costuro muitas vezes até dez horas, 11 horas. Costuro também no domingo". (Toinha).

Abreu constatou em estudo realizado sobre as costureiras, no que se refere ao processo de aprendizagem, que para a grande maioria delas "a relação de assalariamento não é exclusiva, nem permanente, de modo que o conhecimento do processo como um todo na fabricação de uma roupa é importante para abrir novas opções nas estratégias de sobrevivência que praticam". (ABREU, 1986: 249).

"Eu comecei a costurar com 15 anos. Quando meu pai veio morar na rua Manuel Sátiro ele edoeceu (...). Quando trabalhava pra mulher que pagava 900, passei 6 anos trabalhando com ela, aí ela não queria que eu saísse de lá, de jeito nenhum, essa mulher se apegou comigo. Aí meu pai só me dizendo que eu tava me acabando pra trabalhar pros outros. Aí foi na época que ele disse. "Ainda vou comprar uma máquina pra você deixar de trabalhar pros outros e vir trabalhar em casa". Aí, então meu pai disse, "Vou comprar sua máquina", só sei que o pai tirou a máquina pra mim, (...). Meu pai ajeitou uma casinha pra nós no Mondubim, aí eu saí da mulher, fui estudar no Juvenal. Aí a mulher ainda mandou me chamar, mas eu não fui não.

Sim, depois que nois viemos pr'aí, foi a época que

me casei, fui morar com minha irmã e cuidar dos meus sobrinhos. Eles me chamam de mãe.

Se eu quiser deixar a fábrica eu posso costurar porque eu sei, e essas que só sabem a operação, só podem ir pra outra fábrica, fazer a mesma coisa". (Maria).

"Comecei a trabalhar com 22 anos.

Comecei pela escolinha, né.

Aí, tinha a escolinha, aí eu tinha a maior vontade de arranjar um emprego, aí eu passei 2 dias na escolinha, tinha dificuldade só de controlar a máquina, aprendi logo a controlar a máquina. Aí no outro dia a menina me levou pro setor, aí eu fiquei no setor, (...) tem dia que a gente tem dificuldade, mais eu fico só comigo mesmo. Tem dia que é difícil também, os chefes, pega muito no pé da gente, cobra a gente, por isso, as vezes eu penso em sair, mas acho que eles deviam dar chances a quem está lá. Tem menina que entra lá né, e eles dão logo o cargo de revisora. Não, puxa!. Eles deviam fazer isso com aquelas que já tão lá dentro, não com as que vão entrando. Fico doida pra mudar de cargo, mas eles não mudam. Também eu não peço não. A revisora ela entra pra revisar aquilo que a gente faz né! Elas podem ser revisoras, com o tempo elas podem ser chefe.

Nunca falei pra ninguém que eu gostaria de mudar de cargo, de sair da máquina, eles mesmo é que decide, que escolhe. Nós temos capacidade também de ser, eu conheço a peça completa né, eu sei revisar, quando falta serviço pra mim nas máquinas, eu vou revisar, a gente faz de tudo.

Eu acho que aí, deve ter alguma capacidade da gente trocar de cargo, eu acho, mas quando chega serviço, a gente volta pro mesmo cargo, pra mesma máquina. Trabalho na fábrica faz 7 anos e agora eu faço baíha de camisa social". (Francisca).

"Meu primeiro emprego em Fortaleza foi na Confecção da Maria do Cacau, fazendo blusa. Ela bordava, eu cortava e armava. Ela era bem pobrezinha, trabalhei pra ela uns 4 anos.

Eu fazia 10 blusas de manhã e 10 blusas a tarde, trabalhei 4 anos e nunca tive carteira assinada. Saí desse emprego porque ela depois que enricou ficou muito abusada, muito abusada mesmo. Ainda hoje eu tô por saber porque ela enricou, ela nunca me disse, eu já perguntei, mas ela não diz. Ela trabalhava de dia e de noite, hoje ela tem vila de casa, alugada, pra vender.

O segundo emprego não tinha carteira assinada, passei dois anos, costurava a peça toda. Eu riscava, cortava, tirava moldes picotava os bordados, fazia tudo. Me aborreí e saí.

Quando foi um dia eu me aborrecí e peguei a máquina fui atrás da Lúcia, que afiançou minha primeira máquina, e fui fazer blusas pra vender. Depois botei as blusas na sacola e andei o dia todo e aí tive vergonha de oferecer, voltei com as blusas todinhas. Fui vender na EMCETUR, quando foi no outro dia eu disse, eu não tô roubando e fui vender na EMCETUR, no Mercado e em outros lugares, depois eu comprei a 2ª, a 3ª aí comprei uma industrial 20-U de 2ª mão, então fiquei com 4 zig, 2 comuns e uma industrial. Eu só fazia bordar e tinha as costureiras que trabalhavam pra mim, na minha casa e na casa delas, eu também pagava por peça, mas pagava melhor que as outras confecções, não tinha coragem de explorar, chovia costureira pra trabalhar pra mim.

Pagava bem minhas costureiras, tenho certeza que foi por isso que não subí, não tinha coragem de explorar, porque já tinha sofrido muito, já tinha vivido, eu via que meu saldo era bem pouquinho, porque eu pagava bem mais as costureiras. Nessa época minha casa não tinha muro, eu fiz muro, só tinha três compartimento eu fiz mais três compartimento, tudo com o dinheiro da confecção.

A mãe chegou lá em casa doente e eu acabei com meu capitalzinho, tive que vender as máquinas, e nunca mais conseguí me equilibrar, não podia pagar as costureiras". (Toinha).

Percebe-se pelo depoimento da segunda costureira sua insatisfação em ocupar o cargo de costureira e o seu desejo de ascensão na hierarquia ocupacional da empresa. Fica nítida a questão da diferenciação do trabalho, característica inerente ao processo produtivo no sistema capitalista. O cargo de revisora é um cargo diferenciado enquanto que o de costureira é massificado. O de revisora tem chances de ascensão na hierarquia ocupacional da empresa, enquanto que a costureira, em sua prática, não tem condições de ascender.

"Uma costureira depois de atingir a categoria de "profissional", após trabalhar dois anos como "auxiliar de costureira", não tem perspectiva alguma de melhoria dentro da empresa". (ABREU, 1986: 225).

Por outro lado, percebe-se também que ela não sabe, ainda não descobriu, como fazer para chegar lá, ser revisora, chefe, ou outro cargo melhor na hierarquia ocupacional. No momento vislumbra a possibilidade de ocupar es-

ses cargos, se considera capaz dado ao seu nível de escolarização e sua experiência em outras funções. Sabe porém que não tem nenhum poder de decisão, de interferir. Considera apenas que não aprendeu ainda o que fazer para atingir seus objetivos de ascensão profissional dentro do processo de industrialização.

Na fala da costureira Toinha podemos verificar que a mesma desenvolveu uma aprendizagem nas relações de produção que a fez resistir e superar o processo fabril. Constatamos porém que a costureira apenas reproduziu o modelo por ela vivenciado no cotidiano de sua "práxis produtiva" e não foi capaz de elaborar uma nova forma de executar seu trabalho diferente do processo de produção capitalista. Houve apenas uma mudança na sua condição de empregado para empregador permanecendo as mesmas relações entre dominador e dominado.

Portanto, a costureira elaborou um saber de resistência ao sistema, onde ela foi capaz de reverter sua situação enquanto dominada se libertando da fábrica.

"Passei 3 anos com a confecção, em 86 encostei as máquinas e fui trabalhar com um casal durante 2 anos, trabalhava em casa, recebia as peças cortadas, era uma micro.

Não tinha carteira assinada, nunca assinou, ganhava por peça, mais era mincharia, "coisa poca".

Aí fui trabalhar nas casas, enquanto a situação melhorava, por sinal gostei muito.

Acho que nas casas é melhor que nas indústrias porque vem no dia que quer.

Pra mim eu ganho mais, a gente não é explorada como nas fábricas.

eu acho tão difícil voltar a ter uma confecção, mas não perco a esperança.

A desvantagem de trabalhar nas casas é que eu ando muito, mas andar faz bem a saúde". (Toinha).

A trabalhadora fabril aprende, na sua "práxis produtiva" e nas relações de produção, estratégias para superar a dominação e exploração do processo de trabalho. Ela articula um saber que irá ajudá-la a enfrentar a vida na fábrica, seja aprendendo como lidar com o chefe, seja no controle de sua produção, seja aprendendo a calcular o prêmio

produção. Sabendo como funciona o processo ela irá produzir apenas o suficiente para atingir o máximo para ter direito ao prêmio produção. Por outro lado ela passa a controlar sua produção e quando percebe que irá ultrapassar o limite determinado para o prêmio máximo, elas reservam o excedente para o outro dia, porque no dia seguinte poderá não conseguir atingir a meta. Constitui-se portanto um saber articulado por elas, com a finalidade de se resguardar da exploração do capital.

Embora as costureiras não tenham consciência que o máximo para atingir o prêmio produção equivale a mais-valia, observamos que uma delas percebe que esta produção extra significa o trabalho não pago pelo patrão.

"Meu trabalho valia mais do que ganhava. A dona não se importava. Em todos os empregos eles me exploravam, trabalhava pra morrer, só me sujeitava a ficar porque não podia comprar uma máquina de acabamento pra costurar por conta própria". (Toinha).

"(...) o processo de expropriação-apropriação do saber, gerado pela relação assalariada própria da forma capitalista de trabalho, termina por criar possibilidades de alteração de poder e, em um nível mais amplo, de hegemonia. Isso se dá na medida em que, pelas relações estabelecidas no trabalho produtivo torna-se possível aprender a se defender da exploração oriunda dessa mesma relação". (NORONHA, 1986: 32).

"não sei como calcular a produção, só sei que sempre eu atinjo. Controlo a produção - no fim da tarde já produzo o suficiente para atingir a meta, escondo para o outro dia para não baixar a produção". (Maria).

"Uma controla a produção, a outra controla a gente, não deixa a gente conversar, fica todo tempo. Se não der o mínimo de produção então é chamada pra falar com o chefe. Se hoje você fizer 80 % e amanhã você fizer 60 %, aí ela quer saber por que diminuiu né. A gente vai ser chamada para se explicar por que, vou ter que se explicar. Bainha de camisa, a meta é 790 por dia, eu acho mui-

to. Eu só faço 640, pra ficar 80 %, mais do que isso eu não faço não, eu me esforço, mais eu não faço não. As vezes começo antes do horário no início e no almoço, eles anotam a produção todos os dias, você não pode diminuir, tem que tá sempre aumentando, se não tivesse o prêmio produção as pessoas não produziriam, fazia só o que desse, sem pressa, (...) as pessoas ficam te vigiando, pra onde a gente olha, as pessoas tão vigiando, controlando, não me sinto a vontade, quando me sinto a vontade produzo mais". (Francisca).

## 5 - Participação Social

"(...) a qualificação não se esgota na instrução obtida na escola ou nos cursos específicos de formação profissional, mas ocorre no conjunto das relações sociais através da prática política e produtiva exercida em todas as instâncias que compõem a vida social". (KUENZER, 1988: 105).

O nível de participação política e de organização das costureiras ainda é muito limitado. As reivindicações são feitas geralmente sem nenhuma organização, com pouca participação, mais a nível de reclamações individuais.

Embora exista o sindicato das costureiras, elas não participam de nenhuma associação de classe. Pode-se dizer que o grau de desmobilização é fruto de uma falta de consciência de classe.

O modo de produção capitalista desenvolve um processo de dominação da classe trabalhadora em todos os aspectos. Tudo gira em torno da produção, do aumento da produtividade. O sistema de competição para produzir mais cria um clima de competição entre membros de uma mesma classe, dificultando a aproximação das trabalhadoras.

A consciência por parte da trabalhadora, de sua condição de explorada é fragmentada. Em alguns momentos mostra-se consciente, em determinados aspectos, mas não consegue fechar a questão em termos de uma visão de mundo diferente da que é mostrada pelo capital, pela ideologia dominante burguesa, ficando assim muitas vezes submissa e to-

talmente subjugada a este.

A condição de estabilidade da costureira no sistema fabril está condicionada a sua assimilação da ideologia do capital e sua capacidade produtiva, que é obtida através do disciplinamento e controle dos operários.

"nunca as costureiras da fábrica fizeram reivindicações. As reclamações são feitas entre nós, as vezes se dirigem ao chefe de seção.

Quando a auxiliar não abastece a nossa mesa pra que a gente possa produzir, muitas vezes eu reclamo porque dá briga. Outras vezes reclamo para a chefe e ela troca de auxiliar, e as vezes elas são colocadas fora da empresa.

Sei que existe um sindicato das costureiras, mas não participo das reuniões. Não participo porque o tempo é pouco. Nunca fiz nenhuma reivindicação graças a Deus". (Maria).

O fato de a costureira "dar graças a deus" por não participar de nenhuma reivindicação, quer no trabalho quer em casa ou na comunidade da qual faz parte, demonstra sua falta de consciência política, bem como o papel da religião como aparelho ideológico, como forma de dominação à ideologia do capital. O sentimento religioso demonstra o conformismo das pessoas com sua condição enquanto classe dominada.

"Não participo de nenhuma associação. Participamos da greve que houve, mas a gente ficamos lá fora da fábrica, mas a maioria entra e vai trabalhar. É ruim por isso. Se todos ficassem, mas não ficam. Um tempo desses nós fomos falar com eles (chefes) sobre a produção, que todo mundo dava 80 % de produção. Aí nos damos e eles não pagaram, aí nós fomos falar, eles mesmo explicam, eles mesmo ganham e a gente perde, depois a gente não foi mais falar com eles.

Nós já reclamamos sobre o almoço, não conseguimos ainda melhorar o almoço.

Agora, sobre a produção, eles melhoraram o nosso prêmio". (Francisca).

As costureiras têm a visão de que o sindicato é que deve procurá-las. Não percebem que a sua participação é fundamental para formação e atuação de um órgão de classe e que

a luta deve ser conjunta, todos participando para o fortalecimento das reivindicações. Essa falta de visão talvez se deva à atual prática política da sociedade brasileira resultante do longo período de repressão aos movimentos reivindicatórios. Acredita-se que esta atitude seja reflexo de uma época de repressão aos direitos dos cidadãos os quais aos poucos deverá ser reconquistada e recuperados.

"Acho que não tem sindicato da costureira. Elas nunca procuram a gente pra conversar, pra participar quando se quer alguma coisa a gente fala com o chefe do setor aí ela fala com o chefe, aí ele manda chamar a gente. Eles dão as normas e a gente obedece e pronto a gente mesmo diz que nós somos mesmo acomodadas". (Francisca).

Não podemos deixar de ressaltar os diversos fatores que interferem no trabalho da mulher trabalhadora como a submissão ao marido, ao trabalho da casa, à criação dos filhos, portanto à reprodução da força de trabalho. Estas são atribuições realizadas pelas mulheres e a elas destinadas em nossa sociedade. Essas atribuições interferem nas relações de trabalho e as mulheres ainda não sabem como ou mesmo se devem enfrentar.

A inculcação ideológica da submissão às relações de trabalho estabelecidas pelo patrão é reforçada pelos próprios valores assimilados nas relações familiares e sociais. Na relação patrão/empregado este último apreende um saber que o possibilita superar a dominação e submissão. Nas relações dominação-submissão na família, valores arraigados ao papel culturalmente assumido pela mulher, não foram por ela superados.

São valores de uma condição de vida imposta à mulher para que ela submeta-se ao jogo de interesses articulado pelo capitalismo para assegurar a reprodução de sua força de trabalho. Estes valores foram reforçados na sociedade patriarcal, onde a mulher se mantém primeiramente submissa ao pai e posteriormente ao marido. Esta situação é evidente nos casos em estudo.

"depois que eu casei, meu marido não queria que eu trabalhasse. Você nunca morreu de fome, nunca andou nua, então você não vai trabalhar não.

Eu vou que eu preciso, tu tá desempregado, eu tô devendo a máquina, aí eu saí escondida dele e fui atrás e arranjei pra trabalhar, aí eu fui trabalhar (...).

Brigou mais acabou deixando". (Maria).

"Em 1960, com 18 anos, me casei e vim morar em Fortaleza. Fiquei logo grávida, passei o ano sem costurar, só um ano depois voltei a costurar em casa. No primeiro emprego eu ia "de pés", eu já tinha os sete filhos. Os dois mais velhos é que tomava conta dos outros. O mais velho tinha 9 anos e a mais nova tinha um ano.

Antes de sair para o emprego fazia o café e o mingau dos mais novos". (Toinha).

As condições de vida, a sua qualidade, a visão que cada um tem do mundo, "concepção de mundo", interferem diretamente no processo educativo, em sua totalidade, bem como nas relações de trabalho.

Para a classe trabalhadora e em particular para a mulher trabalhadora as condições de vida são muito difíceis, visto ter uma dupla jornada de trabalho, que se inicia antes de sua entrada na fábrica e continua após a saída. O papel social da mulher submetida sistematicamente a um processo de dominação manifesta-se nas relações familiares e expressam-se na dupla jornada de trabalho. A mulher trabalhadora é a responsável direta pela reprodução da força de trabalho que estará mais tarde a serviço do capital.

A qualidade de vida, a reprodução da força de trabalho, o trabalho, a dupla jornada, fazem parte do cotidiano da costureira e são parte integrante de sua "práxis".

"(...)recupera-se o cotidiano, como o espaço que representa no momento de síntese das práticas humanas nas instituições, no trabalho e nas relações dele oriundas. Sua importância se torna ainda maior, se considerarmos que o cotidiano, na sociedade capitalista, é marcado pelo descompasso existente entre a vivência e a consciência". (NORONHA, 1986: 29).

semelhantes a de tantas outras mulheres trabalhadoras. A visão que elas têm do mundo está muito limitada ao seu cotidiano, as relações familiares, às relações de trabalho e às relações sociais. Esta visão retrata a ideologia capitalista que reforça sua condição enquanto categoria dominada.

Nestas relações admite-se que a costureira possa gerar um novo saber, na medida em que, diante destas, se descobrem como sujeitos com direitos, e procuram retomar o seu processo educativo, recuperar o caráter mediador da educação.

"O saber popular é fruto de experiências de vida (trabalho, vivência afetiva, religiosidade, etc.). É a partir deste saber que o grupo se identifica como tal, troca informações entre si, interpreta a realidade em que vive". (GARCIA, 1980: 109).

#### IV - CONCLUSÃO

Neste trabalho desenvolvemos um estudo do processo educativo de Costureira Industrial analisando tanto o nível de sistematização como outras experiências educativas que se verificam na sua prática produtiva e no seu cotidiano, nas relações sociais. Foi realizado através de observação participante e entrevistas com as costureiras e relatores de suas histórias de vida. Os dados foram analisados sob o ponto de vista da dialética entre trabalho e educação. Para isso utilizamos os conceitos de Gramsci sobre a prática educativa, a cultura, a educação, a formação, a reprodução, a consciência e a organização social. A análise nos permitiu compreender o processo educativo por que passam as massas de costureiras.

O processo educativo de Costureira Industrial não pode ser visto apenas como qualificação profissional. O trabalho de Costureira Industrial é uma prática educativa que envolve o princípio educativo onde a aprendizagem acontece através da prática produtiva, nas relações sociais, em oposição ao modelo de educação tradicional que se baseia na transmissão de conhecimentos e valores.

Procuramos neste estudo identificar como esse processo educativo pode ser desenvolvido e analisado através do trabalho de Costureira Industrial. Para isso utilizamos os conceitos de Gramsci sobre a prática educativa, a cultura, a educação, a formação, a reprodução, a consciência e a organização social. A análise nos permitiu compreender o processo educativo por que passam as massas de costureiras.

"Ao capital não interessa o trabalhador educado, mas o "educável" para sua disciplina, como força de trabalho, ao passo que ao trabalhador interessa a educação, como forma de não se deixar explorar como simples força de trabalho, sem identidade, sem nome e sem futuro, como corpo dócil".

Noronha.

#### IV - CONCLUSÃO

Neste trabalho desenvolvemos um estudo do processo educativo da Costureira Industrial englobando tanto o ensino sistematizado como outras experiências educativas que se verificam na sua prática produtiva e no seu cotidiano, nas relações sociais. Foi realizado através de observações de sua prática produtiva e relatos de suas histórias de vida que foram analisadas e discutidas, tendo-se como ponto de referência estudos relevantes de autores que retratam a questão da relação entre trabalho e educação. Para esta análise considerou-se as seguintes categorias: a práxis, a totalidade, a contradição, a reprodução, a dominação e a ideologia, assim determinados para melhor compreender o processo educativo por que passam as costureiras.

O processo educativo da costureira industrial não pode ser visto apenas como qualificação profissional. O trabalho como princípio educativo onde a aprendizagem ocorre de forma dialética, nas relações de produção, nas relações sociais, bem como na sua "práxis", relacionando-a com todos os momentos de sua vida, num processo histórico de sua formação.

Procuramos neste estudo identificar como esse processo educativo poderá levar a costureira a articular um novo saber que lhe permita desenvolver uma "práxis transformadora" de forma a criar condições para uma ação libertadora do trabalho alienado e da dominação do trabalho no sistema de produção capitalista.

Este é um estudo que diz muito da situação da mulher trabalhadora, do seu cotidiano, de sua luta pela sobrevivência. Elas submetem-se à dupla jornada de trabalho e à exploração do seu trabalho.

Este estudo apresenta também o relato de como as costureiras articulam seu tempo, as atividades de seu

cotidiano para conciliar o trabalho com as tarefas domésticas e as da sua vida social, como realizam sua "práxis" e qual o saber que se articula nestas relações.

Nele verificamos como características da mulher trabalhadora o fato de desenvolver múltiplas funções ao mesmo tempo. É costureira industrial e caracteriza-se como trabalhadora assalariada. Realiza também atividades concernentes ao seu papel de dona-de-casa; é produtora autônoma, na medida em que costura "para fora" nas horas destinadas ao repouso e lazer; é mãe, é companheira, é educadora, já que é responsável pela formação dos filhos. É justamente devido a multiplicidade de funções que a mulher trabalhadora não permite que o capital a torne completamente submissa ao sistema, articulando um saber que lhe possibilita desenvolver sua "práxis". A autonomia que foi expropriada na fábrica é recuperada em casa, fora do domínio do capital.

Observando o processo histórico evolutivo em que se realizou a industrialização de roupas nos países desenvolvidos, verificamos que a sequência evolutiva do processo de industrialização de roupas no Brasil, inclusive no Ceará, seguiu os mesmos passos, mantendo-se as proporções quanto à aquisição de tecnologias mais avançadas, que demandam elevados recursos financeiros, e dada a carência do setor de nosso Estado.

Quanto aos métodos de organização do trabalho, existem indústrias que ainda adotam métodos tradicionais, artesanais de confecção de peça completas, bem como indústrias com métodos bastante avançados propiciados pela "Organização Científica do Trabalho", que permite a adoção de processos de trabalho em linha de montagem, característicos do modo de produção capitalista.

A única qualificação que se verificava antes do processo fabril era exclusivamente a profissionalização da costureira no processo de confecção da peça completa do vestuário masculino, feminino e infantil. Os cursos existentes capacitavam-a realizar todo o processo de produção de uma roupa desde o planejamento até a sua execução, realizando as etapas de modelagem, corte, costura e acaba-

mentos finais. Qualificavam assim o profissional para o mercado de trabalho autônomo, proporcionando-lhe, além disso a satisfação da concepção de um produto. Ela possuía portanto o domínio do processo produtivo, bem como o saber de forma totalizante. Este trabalho é considerado tanto intelectual como manual. A relação Teoria-Prática seria realizada na confecção do produto.

A atividade de costura pode ser considerada uma prática doméstica que tem início na infância através da confecção de roupas de bonecas, quando o interesse pela costura é despertado na criança e esta a querer aprender a costurar. Muitas vezes verifica-se um verdadeiro dom ou aptidão para a atividade de costura. O saber adquirido nessas práticas domésticas foram sendo sistematizados e legitimados nos cursos profissionalizantes de corte e costura por um período de tempo demorado.

Ficou evidenciado que todas as costureiras em estudo demonstraram interesse pela costura desde a infância, ao darem depoimento que confeccionavam roupinhas para bonecas e que seus primeiros conhecimentos sobre costura foram transmitidos por membros da família. Sendo que duas dentre as três tiveram, posteriormente estudos sistematizados em cursos de corte e costura com duração de aproximadamente um ano. Somente uma delas foi treinada pela indústria, quando o período de treinamento foi de 15 dias.

O processo de industrialização da confecção de roupas trouxe grande modificação para a qualificação profissional da costureira, vez que o processo produtivo passou a ser desenvolvido e um grande número de etapas. O trabalho é dividido e a costureira executa apenas uma pequena parte dele. Já não é portanto necessário a qualificação da costureira de forma completa, no planejamento e execução das roupas. São necessárias, apenas, operadoras semi-qualificadas para executar tarefas. Para atender a essa nova ordem do trabalho dividido são realizados treinamentos de curta duração, quando são transmitidos aqueles conhecimentos estritamente necessários para a operação específica que a costureira irá realizar de acordo com os interesses das in-

dústrias. O saber transmitido é fragmentado. A costureira não faz relação entre Teoria-Prática, pois desenvolve um trabalho manual muito específico, rotineiro, não havendo conhecimento do processo como um todo.

As costureiras que foram profissionalizadas no processo de produção da peça completa não consideram aquelas que aprenderam só uma operação como uma costureira profissional qualificada.

A parcelização do processo de trabalho não só fragmenta o conhecimento, como também fragmenta a consciência, alienando o trabalhador, além de prendê-lo ao sistema de produção capitalista. Limitá-lo ao processo produtivo parcelizado é assegurar a reprodução do sistema e a expropriação do trabalhador. É portanto uma forma de dominação e alienação deste. Quando a costureira tem qualificação profissional para todo o processo produtivo e sabe confeccionar a peça completa, poderá ter outra fonte de renda, confeccionando roupas para fora bem como ter muito mais satisfação na execução de seu trabalho, vez que planeja e concebe algo. Tem, dessa forma, uma "práxis criativa", pois ela possui o poder de decidir como melhor gerir o seu produto. E finalmente, ela tem chance de se libertar da dominação do sistema de produção capitalista quando detém de alguma forma, os meios de produção além de sua força de trabalho. Será assim mais fácil para ela criar condições para uma ação transformadora, mudando sua posição no sistema.

No sistema de produção capitalista não é necessário apenas a qualificação da mão-de-obra específica para cada etapa. É preciso que o trabalhador seja capaz de produzir muito, atingir a meta de produção determinada pela indústria. A eficiência é portanto muito mais importante do que até mesmo a experiência e a qualificação. Outro fator que também é levado em consideração é o comportamento da costureira frente às regras do jogo do capital e seu grau de "aceitação" à ideologia dominante do capitalismo.

Neste sentido a "educação" funciona como instrumento para acumulação capitalista, uma vez que prepara mão-de-obra específica para sua manutenção e reprodução, trans-

mitindo-lhe apenas o saber prático, o saber fazer. O saber teórico não é transmitido, não sendo, assim, possível uma articulação Teoria-Prática.

Observamos que nem todas as costureiras têm ainda uma consciência crítica das suas condições de vida e de trabalho - algumas percebem, outras não. Sua consciência ainda é muito fragmentada.

Pressupomos anteriormente que aquelas costureiras que já tivessem trabalhado como autônomas, que detivessem o processo de confecção de roupas na sua totalidade, fossem capazes de articular um saber que lhes possibilitasse desvincular-se do capital, na tentativa de se estabelecer por conta própria. No entanto constatamos que uma das costureiras deste estudo mostrou-se totalmente submissa ao sistema de produção capitalista. Antes de trabalhar na fábrica ela executava a peça completa, profissionalizou-se como costureira, aprendendo desde o corte ao acabamento final. Percebeu-se no entanto que, não é só o saber teórico, o conhecimento da técnica, do processo total, que faz com que a costureira não se submeta ao sistema. Depende muito do seu nível de aspiração, da consciência de sua condição de dominada, de explorada, de acreditar que pode mudar as circunstâncias e encontrar outras formas de viver independente da dominação do capital.

Se observarmos sua história de vida, verificamos que desde a infância o comportamento desta costureira foi de submissão, nunca reclamou da escola, da família. Depois passou a ser submissa ao marido, que não permitia que ela trabalhasse fora de casa. Na fábrica ela continuou a demonstrar esse mesmo comportamento. Nunca recebeu reclamações, dificilmente falta, é uma das costureiras que mais produz, nunca fez nenhuma reivindicação "graças a Deus", não participa de associações nem de sindicato. Portanto seu comportamento na fábrica, nas relações de produção, nas relações sociais, refletem muito do que foi seu processo educativo desde a infância até hoje. Há sete anos pesponta gola "colouche", um trabalho insignificante do ponto de vista educativo, de criação e de satisfação pessoal. Em alguns mo-

mentos seus depoimentos são contraditórios. Apesar de há sete anos executar uma mesma operação ela não admite que uma costureira de operação, que sabe executar apenas uma parte do processo, seja considerada costureira. Para ela costureira de operação não é costureira profissional.

Outra costureira tem consciência de que na fábrica é explorada, de que seu trabalho vale mais do que é pago e que para o capital não importa se ela "morre de trabalhar".

"Todos dois empregos pagava muito pouco. Eu riscava, eu cortava, eu tirava moldes picotava os bordados, fazia tudo.

Meu trabalho valia mais do que eu ganhava, a dona não se importava, em todos os empregos eles me exploravam, trabalhava pra morrer". (Toinha).

Essa costureira a partir de sua "práxis produtiva", através do saber por ela construído nas relações de trabalho, foi capaz de desenvolver uma consciência crítica ao descobrir-se explorada. A partir do momento da tomada de consciência do real valor de seu trabalho, superou o processo de produção capitalista, deixando a fábrica e indo trabalhar por conta própria, montando uma micro-confecção.

Percebemos que esta costureira detém o saber necessário para a produção da peça completa, além de articular um saber de resistência ao sistema que a fez ver o aspecto dominador e explorador do capital, sendo capaz de resistí-lo. Libertou-se e foi capaz de transformar a sua realidade. Todo o saber que permitiu que ela montasse sua própria confecção foi apreendido na sua "práxis", no seu cotidiano.

Esse fato pode ser verificado se observarmos a forma como a costureira organizou sua indústria, estruturando-a de forma semelhante às confecções em que havia trabalhado. Ela cortava as peças, bordava e contratava costureiras para executar as demais operações. O produto era comercializado pela proprietária da confecção em centros de artesanatos e comerciais.

A comercialização do produto consiste em uma das

etapas mais difíceis do processo administrativo de uma confecção, pois envolve fatores tais como: influências pessoais, qualidade do produto, demanda de mercado.

Acreditamos que ela não obteve o sucesso esperado em sua confecção devido a esses fatores, bem como ao fato de não se sentir bem em explorar suas costureiras, já que tinha sido explorada anteriormente. Não extraiu a mais-valia, portanto, não conseguiu sustentar o capital de giro suficiente para a manutenção de sua confecção.

Pressupõe-se que a educação formal através do ensino sistematizado, desde que realizada no contexto político e social, fornece em parte os meios para uma ação transformadora.

Observamos neste estudo que o trabalho possui dois polos contraditórios. De um lado o polo positivo do trabalho como fonte de um princípio educativo, onde o homem, ao gerá-lo, gera, também conhecimento, se educa e se descobre como ser de sua "práxis". Através do trabalho criativo o homem se realiza e poderá desenvolver uma consciência crítica das suas relações de forma que contribuirá para uma "práxis" transformadora. Do outro lado, o polo negativo, fonte de alienação e expropriação desse mesmo homem; processo de dominação através do disciplinamento, do controle, da fragmentação do processo e da conseqüente fragmentação do saber; da heterogestão do processo de produção capitalista expropriando a classe trabalhadora. Esse trabalho repetitivo e automatizado contribui para deixar o pensamento do trabalhador livre para articular um novo tipo de saber, a nível de uma consciência crítica do processo de trabalho, das relações por ele geradas para a sua superação enquanto classe dominada, definindo sua identidade de classe.

Constatamos ainda que:

- existe uma corrente de forças criadas pelo sistema capitalista de produção para desarticular o processo educativo e alienar a classe trabalhadora. Esta corrente de forças realmente é evidenciada, no caso das Costureiras Industriais, através da dupla jornada de trabalho, das más condições de existência, da negação ao lazer, à cultura e à educação,

da desvinculação trabalho manual X trabalho intelectual; da negação do poder de decisão e de domínio sobre o trabalho e da estimulação ao excesso de trabalho como a do prêmio-produção;

- a ideologia da classe dominante é utilizada pelo sistema capitalista de produção para assegurar a sua manutenção e reprodução, facilitando a adaptação da classe trabalhadora às regras do sistema;

- as costureiras em estudo não desenvolveram uma "práxis" da forma como concebemos neste estudo, pois não realizam uma atividade que permita a relação Teoria-Prática de maneira crítica e criativa, dadas as próprias condições de trabalho e a educação às quais estão expostas;

- a concepção de mundo formulada por cada uma das costureiras, através de suas experiências de vida e de trabalho, ainda não permitiu o desenvolvimento de sua capacidade de organização e de contestação das relações de produção a que estão submetidas, têm portanto, uma consciência fragmentada.

Diante destas constatações verifica-se que tanto a educação da forma como concebemos e a formulação da consciência crítica se faz de forma lenta e gradual dentro de um contexto histórico no qual concebemos o homem como elemento desse processo para que este possa ocorrer.

V - BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alice Rangel de Paiva. O Averso da Moda, trabalho à domicílio na indústria de confecção; São Paulo, Hucitec, 1986. Cap. 2: 87-124.
- ARROYO, Miguel. O Direito do Trabalhador à Educação - In: Trabalho e Conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador; São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1987.
- \_\_\_\_\_. Operários e educadores se identificam: que rumos tomará a educação brasileira? Educação e Sociedade; São Paulo, Cortez, Autores Associados, 2(5):5-23, jan., 1980.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. A Indústria de Confecções no Nordeste; Relatório de Síntese, Fortaleza, 1978.
- BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista. A Degradação do trabalho no século XX. Labor and monopoly Capital: The Degradation of work in the twentieth century. 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- CALDART, R. Salete. Sobre a Função Social da Escola. Forum Educacional. Rio de Janeiro, Fundação Carlos Chagas. 12(3):61-81, jul./set., 1988.
- CAULLIRAUX, Heitor Mansur. Processos de Trabalho da Indústria do Vestuário. In: FLEURY, Afonso Carlos Correia e VARGAS, Nilton. Organização do Trabalho: uma abordagem interdisciplinar, sete estudos sobre a realidade brasileira; São Paulo, Atlas, 1983.
- CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de & ROSISKA, Darcy de Oliveira. A Vida na Escola e a Escola da Vida; 5ª ed., Petrópolis, Vozes, 1982.

CUNHA, Luis Antônio. Educação e desenvolvimento social no Brasil. 6ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

CURY, Carlos R. Jamil. Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1987.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. Histórias de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais. In: Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. Experimentos com Histórias de Vida: Itália - Brasil/Organização e Introdução Olga de Moraes Von Sinson. São Paulo, Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.

DEMO, Pedro. Avaliação Qualitativa. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

ESTADO DO CEARÁ. II PLAMEG. II Plano de Metas Governamentais. 79-83. Programação - Fortaleza, 1979.

FRANCO, Luiz Antônio de C. A Escola do Trabalho e o Trabalho da Escola. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

FREITAG, Bárbara. Escola, estado e sociedade. 4ª ed., rev. São Paulo, Moraes, 1980 (Coleção Universitária).

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutivo: Um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômica-social capitalista. São Paulo, Cortez, 1984. (Coleção Educação Contemporânea).

\_\_\_\_\_. Trabalho, Conhecimento, Consciência e a Educação do Trabalhador: Impasses Teóricos e Práticos. In: Trabalho e Conhecimento: Dilemas na educação do Trabalhador. São

Paulo, Cortez: Autores Associados, 1987.

GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação. Um estudo introdutório. 3ª ed., São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1984.

\_\_\_\_\_. A Educação contra a educação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (Coleção Educação e Comunicação, 7).

GAGNE, Robert M. Como de realiza a aprendizagem. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1974.

GARCIA, Pedro Benjamim. Educação popular: algumas reflexões em torno da questão do saber. In: BRANDÃO, C.R. A Questão Política da Educação Popular. São Paulo, Brasiliense, 1980.

GARCIA, Wálter E. Educação. Visão teórica e prática pedagógica. São Paulo, McGraw-Hill, 1977.

GORZ, André. Crítica da divisão do trabalho: Textos de Karl Marx. [Etal]. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura: 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

KONDER, L. O que é Dialética. 19ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1988.

KUENZER, Acácia Zeneida. Pedagogia da Fábrica. As relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo. Cortez, 1985.

\_\_\_\_\_. Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo. São Paulo, Cortez, 1988.

LODI, João Bosco. História da Administração. 2ª ed., São Paulo, Pioneira, 1973.

MARX, Karl. O Capital. (Crítica da Economia Política). Livro 1. O Processo de produção do capital. Vol. 1 parte quarta.

- MARX, Karl. Sociologia. 6ª ed., São Paulo, Ática, 1988.
- MARX K. & ENGELS, F. A ideologia Alemã. (Feuerbach). 6ª ed., São Paulo, Hucitec, 1987.
- MOSER, Anita. A nova submissão; Mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial. Porto Alegre, Edipaz, 1985.
- MOTTA, F.C. Prestes. Teoria Geral da Administração. Uma Introdução. 5ª ed., São Paulo, Pioneira, 1976.
- NORONHA, Olinda Ma. De Camponesa a "Madame" (trabalho feminino e relações de saber no meio rural). São Paulo, PUC, 1986.
- PAIVA, Vanilda & RATTINER, H. Educação permanente e capitalismo tardio. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1985.
- QUEIROZ, Ma. Isaura P. de. Relatos Oraís: do "Indizível" ao "Dizível". In: Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil / Organização e Introdução Olga de Moraes Von Sinson. São Paulo, Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.
- SALM, Cláudio L. Escola e Trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- SANTOS, Theotônio. O processo de trabalho no modo de produção capitalista e a questão da profissionalização. Cadernos do CEDES, São Paulo, Cortez/CEDES, (20): 56-63, 1988.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias de educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 21ª ed., São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1989, (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO: Cadastro Industrial do Ceará. 1986. Fortaleza, EDITEC, s/d.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. Demanda de mão-de-obra e determinação de necessidades de formação profissional para a indústria de confecções nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará. Natal SENAI-RN, 1982.

\_\_\_\_\_. Costureiro Industrial. Monografia Profissional, 26. Rio de Janeiro, Divisão de Ensino e Treinamento, 1979. (Monografia Profissional 26).

SPINDEL, Cheywa R. O "uso de trabalho da mulher na indústria do vestuário". In: BARROSO, Carmen & COSTA, Albertina Oliveira. (Org.) Mulher Mulheres. São Paulo, Cortez, Fundação Carlos Chagas, 1983.

SUDENE: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Aspectos da Indústria de Confecções do Nordeste. MEC/SUDENE, set. 1979.

TEIXEIRA, Amélia Rosa Sá B. et alii. O trabalho e a trabalhadora fabril a domicílio. In: BARROSO, Carmen & COSTA, Albertina Oliveira (Org.) Mulher Mulheres. São Paulo, Cortez, Fundação Carlos Chagas, 1983.

VASQUEZ, Adolfo S. Filosofia da Práxis. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

WERNECK, Vera R. A ideologia na educação. Um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. São Paulo, Vozes, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE  
Núcleo de Educação em Profissão  
Cecília Maria Pinheiro de Sá

DIRETÓRIO DE OBSERVAÇÃO - Indústria de Costuras

Unidade Educativa de Costura Industrial - Distrito  
de ...

PROGRAMA DE IDENTIFICAÇÃO

INDÚSTRIA INDUSTRIAL:

TIPO:

FORMA DE FUNCIONAMENTO:

ALIAS PESSOAS OCUPADAS:

NO DE COSTUREIRAS:

QUANTIDADE DE PRODUÇÃO:

PRODUÇÃO DIÁRIA:

ANEXOS

TIPO DE PRODUÇÃO:

ORGANIZANTE:

DESCRIÇÕES DA PRODUÇÃO:

INFORMAÇÕES SOBRE SETORES DE PRODUÇÃO:

NO DE SETORES:

LOCALIZAÇÃO:

NO DE MÁQUINAS POR SETOR:

APRESENTAÇÃO DE LAYOUT:

TIPO DE SISTEMA:

TIPO DE ILUMINAÇÃO:

TIPO DE VENTILAÇÃO:

TIPO DE PISO:

CONDIÇÕES SANITÁRIAS:

ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
 Mestrado em Educação  
 Germana Maria Fontenelle Bezerra

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO - Indústria de Confecções

"O Processo Educativo da Costureira Industrial - Histórias de Vida".

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DA INDÚSTRIA: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

ANOS DE FUNCIONAMENTO: \_\_\_\_\_

Nº DE PESSOAS OCUPADAS: \_\_\_\_\_

Nº DE COSTUREIRAS: \_\_\_\_\_

CAPACIDADE DE PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_

PRODUÇÃO DIÁRIA: \_\_\_\_\_

LINHA DE PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_

INFORMANTE: \_\_\_\_\_

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

II - INFORMAÇÕES SOBRE SETORES DE PRODUÇÃO:

Nº DE SETORES: \_\_\_\_\_

ESPECIFICIDADE: \_\_\_\_\_

Nº DE MÁQUINAS POR SETOR: \_\_\_\_\_

APRESENTAÇÃO DE LAYOUT: \_\_\_\_\_

ÁREA FÍSICA: \_\_\_\_\_

TIPO DE ILUMINAÇÃO: \_\_\_\_\_

TIPO DE VENTILAÇÃO: \_\_\_\_\_

TIPO DE PISO: \_\_\_\_\_

CONDIÇÕES SANITÁRIAS: \_\_\_\_\_

FLUXOGRAMA DA PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_

REPRESENTAÇÃO DO ORGANOGRAMA: \_\_\_\_\_

JORNADA DE TRABALHO: \_\_\_\_\_

META DE PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_

III - INFORMAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE SELEÇÃO E DE TREINAMENTO DAS COSTUREIRAS:

CRITÉRIOS PARA PROCESSO DE RECRUTAMENTO DAS COSTUREIRAS: \_\_\_\_\_

CRITÉRIOS PARA PROCESSO DE SELEÇÃO DAS COSTUREIRAS: \_\_\_\_\_

TIPO(S) DE COSTUREIRA(S) QUE SÃO ADMITIDAS: \_\_\_\_\_

PERÍODO DE EXPERIÊNCIA: \_\_\_\_\_

TESTES REALIZADOS: \_\_\_\_\_

TIPO DE TREINAMENTO DADO PELA FÁBRICA PARA COSTUREIRAS: \_\_\_\_\_

Nº DE HORAS: \_\_\_\_\_

Nº DE DIAS: \_\_\_\_\_

O QUE É EXIGIDO PARA ESTES TREINAMENTOS: \_\_\_\_\_

SALÁRIO: \_\_\_\_\_

PRODUÇÃO DIÁRIA EXIGIDA: \_\_\_\_\_

PRÊMIO PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_

QUE TIPOS DE BENEFÍCIO SÃO OFERECIDOS PELA INDÚSTRIA: \_\_\_\_\_

IV - INFORMAÇÕES SOBRE CONTROLE DO TRABALHO DAS COSTUREIRAS:

COMO É FEITO O CONTROLE DO TEMPO: \_\_\_\_\_

COMO É FEITO O CONTROLE DAS SAÍDAS: \_\_\_\_\_

COMO É CONTROLADA A PRODUÇÃO INDIVIDUAL: \_\_\_\_\_

QUEM CONTROLA? \_\_\_\_\_

QUAL(IS) PUNIÇÃO(ÕES) ADOTADA(S) NA INDÚSTRIA? \_\_\_\_\_

QUAL O PRÊMIO ADOTADO? \_\_\_\_\_

QUANTO CADA COSTUREIRA DEVE PRODUZIR? \_\_\_\_\_

OUTRAS OBSERVAÇÕES: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
Mestrado em Educação  
Germana Maria Fontenelle Bezerra

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DAS COSTUREIRAS  
NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO

"O Processo Educativo da Costureira Industrial - Histórias de Vida".

I - DADOS PESSOAIS:

NOME: \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO: \_\_\_\_\_  
 IDADE: \_\_\_\_\_  
 SEXO: \_\_\_\_\_  
 NÍVEL DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_  
 ESTADO CIVIL: \_\_\_\_\_  
 Nº DE FILHOS: \_\_\_\_\_  
 RESIDÊNCIA: \_\_\_\_\_

II - DADOS SOBRE SEU TRABALHO NA FÁBRICA:

HORÁRIO DE TRABALHO: \_\_\_\_\_  
 QUE OPERAÇÃO EXECUTA: \_\_\_\_\_  
 QUAL O SALÁRIO: \_\_\_\_\_  
 RECEBE PRÊMIO PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_  
 QUE BENEFÍCIOS A FÁBRICA OFERECE: \_\_\_\_\_  
 GOSTA DO SEU TRABALHO: \_\_\_\_\_  
 CONTROLA SUA PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_  
 O QUE ACHA DAS CONDIÇÕES FÍSICAS: \_\_\_\_\_  
 COMO REALIZA O TRABALHO: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

LEVANTA-SE FREQUENTAMENTE QUANDO ESTÁ TRABALHANDO? QUANTAS  
VEZES: \_\_\_\_\_

PARA FAZER O QUE: \_\_\_\_\_

QUEM CONTROLA SEU TRABALHO: \_\_\_\_\_

O QUE ACHA DESTE CONTROLE: \_\_\_\_\_

VOCÊ CONTROLA SUA PRODUÇÃO: \_\_\_\_\_

QUAIS AS CAUSAS DA PRODUÇÃO BAIXAR: \_\_\_\_\_

QUANDO ERRA QUEM DESMANCHA: \_\_\_\_\_

A QUE HORAS DESMANCHA: \_\_\_\_\_

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_